

CARTAS DA GUERRA BLIMUNDA
FILME DE IVO M. FERREIRA

LEVANTEI-ME DO CHÃO TEATRO
CARLOS MARQUES

OS LIVROS DO DESASSOSSEGO CARLA BOLITO
MARCELLO URBE GHE

PATO VISITA GUIADA

ANOITEI ELEN A ZOLA
ODRIO ZOLA

LÓGICO

Meditam-se estas contradições enquanto se vai subindo a Rua do Alecrim, pelas calhas dos eléctricos ainda correm regueirinhos de água, o mundo não consegue estar quieto, é o vento que sopra, são as nuvens que voam, da chuva nem se fala, tanta tem sido. Ricardo Reis pára diante da estátua de Eça de Queirós, ou Queiroz, por cabal respeito da ortografia que o dono do nome usou, aí como podem ser diferentes as maneiras de escrever, e o nome ainda é o menos, assombroso é falarem estes a mesma língua e serem, um Reis, o outro, Eça, provavelmente a língua é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que exprimam uma parte pequena do que é, quando a língua tiver dito tudo, e calado, sempre quero ver como iremos nós viver.

José Saramago, in *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

04

A Noite
Editorial

06

**Leituras
do mês**
Sara Figueiredo Costa

11

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

17

Cartas da Guerra
Sara Figueiredo Costa

26

**Os Livros do
Desassossego:**
Carla Bolito
e Marcello Urgeghe

35

Elena Odriozola
Andreia Brites

49

**Elena Odriozola:
O Ateliê**
Andreia Brites

52

**And the winner
is...**
Andreia Brites

54

**Visita Guiada:
Pato Lógico**
Andreia Brites

69

Espelho Meu
Andreia Brites

74

**A noite das rota-
tivas em marcha**
Miguel Koleff

79

**Levantei-me
do Chão**
Carlos Marques

104

Agenda

A Noite

Quando José Saramago escreveu *A Noite*, retrato da redação de um jornal a tentar perceber o que se estava a passar nessa noite da revolução, Portugal vivia ainda sob os ecos do 25 de abril de 1974.

Hoje, quase quarenta anos depois, com as mudanças ocorridas em todo o mundo o jornalismo tem uma responsabilidade acrescida na construção de sociedades mais responsáveis e mais democráticas. Infelizmente, esse papel de dinamização, de contrapeso e transparência parece estar a ser esquecido por muitos meios de comunicação, cada vez mais subjugados pelo poder económico que emite, tantas vezes, não apenas as diretrizes informativas mas que também estabelece o que é ou não notícia. Como afirma a jornalista Tereixa Navaza na edição de março da revista *tintaLibre*, num

dossiê sobre o papel e a situação dos meios de comunicação públicos, «um país sem meios de comunicação públicos decentes, objetivos, honestos, de qualidade, que deem voz a todo o mundo e com participação cidadã, não é um país democrático ou, pelo menos, é um país com uma democracia de muito baixa qualidade». Podemos até incluir nesta afirmação os meios de comunicação privados, que por o serem não deveriam deixar de lado os mesmos critérios que se defendem para os meios públicos. Se a epígrafe de *A Noite*, «Todos faremos jornais um dia», é hoje, mais do que nunca, atual,

com a profusão de novos meios tecnológicos que fazem de qualquer cidadão um possível criador de conteúdos, o crivo da honestidade ou das normas deontológicas deveria continuar a ser uma premissa dos meios de comunicação e dos jornalistas. Quando estes o esquecem entramos num campo difuso, permeável a todo o tipo de influências, económicas, jurídicas ou políticas. A situação no Brasil ou em Portugal, onde o poder judicial mantém uma relação de promiscuidade com alguns meios de comunicação é um bom exemplo do que não pode acontecer e de como a informação pode passar a estar ao serviço de outros interesses que não os que radicam do direito à informação veraz e transparente, da verdade. Combater esse estado de coisas é uma responsabilidade e um dever cívico e democrático.

Blimunda 46

março 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letr

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Cos

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigr



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros

1100-135 Lisboa – Port

blimunda@josesaramag

www.josesaramago.c

N.º registo na ERC 126

Os textos assinado:

são da responsabili

dos respetivos autor

Os conteúdos desta publ

podem ser reproduzi

ao abrigo da Licenç

Creative Common

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

**25E, 206, 210, 711, 728, 735,
746, 759, 774, 781, 782, 783, 794**

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

GONÇALO VIANA

Geração beat no feminino

A Beat Generation marcou a poesia norte-americana, espalhando ecos por vários outros espaços (e tempos), mas é difícil encontrarem-se outras referências que não os nomes dos seus poetas, no masculino. Num artigo publicado no jornal espanhol *ABC*, Inés Martín Rodrigo fala sobre um livro recentemente publicado em Espanha que repõe uma justiça há muito devida às várias mulheres que integraram essa geração, editando-lhes os poemas numa antologia bilingue, com prólogo e tradução de Annalisa Marí. *Beat Attitude*, da editorial Bartleby, promete ser um primeiro passo para a redescoberta de dez poetas, todas mulheres, que a história e a mitificação de nomes e biografias como as de Jack Kerouac, Alain Ginsberg ou William Burroughs ajudaram a esquecer. «Pero, ¿qué ha pasado para que, hasta ahora, no supiéramos nada de ellas? Marí no encuentra una razón y es consciente de que, "aunque los tiempos están cambiando, durante muchos años interesó seguir mitificando a ciertos personajes". El resultado es esa "especie de vacío" que esta antología viene a llenar, con el "trabajo de las mujeres que habían estado publicando y recitando", hasta convertirse en "memorialistas" y en cuyos "escritos no hay ningún rencor".» Mais adiante: «"Eran mujeres muy contestatarias y lo que menos les interesaba era ponerse una etiqueta. Es a posteriori cuando los críticos, e incluso ellas, empezaron a ser



DENISE
LEVERTOV

conscientes de que formaban parte de aquella generación", cuenta Marí. Los poemas recogidos en *Beat Attitude* reflejan, en su mayoría, un punto de vista femenino, sin olvidar los temas Beat fundamentales (la espiritualidad, el sexo, las drogas, el jazz), pero poniendo, por primera vez, a la mujer como sujeto, y no sólo como objeto.»



Desmistificar panero

Dois anos depois da morte do poeta espanhol Leopoldo María Panero, a revista *El Estado Mental* dedica-lhe um artigo (de Bruno Galindo) que procura esclarecer alguns mitos criados à sua volta. A ideia de uma loucura deprimida, que levaria Panero a isolar-se do mundo, é aqui substituída por uma análise mais chã do comportamento do escritor, revelando-se um homem com algumas perturbações, sim, mas nem por isso arredado da alegria de encontrar os outros, de olhar o mundo e, sobretudo, de viver com dignidade. «Leopoldo María Panero Blanc —de cuya muerte se cumplen ahora dos años: propongo cuanto antes que el 5 de marzo sea el Día Mundial del Loco— planteaba a quien quisiera acercársele el reto seductor de un cara a cara con la alienación. Pocos resistían la prueba: la posibilidad ridículamente romántica del artista maldito, esa visión que tanto gusta del poeta

bohemio y soñador en su mundo de letras, se desmoronaba ante su soliloquio incomprensible, el abismo infinito alojado en su mirada, su grandeza impenetrable y su negrura. Todo el mundo quería ver a Leopoldo, pero no muy de cerca. El chasco llegaba casi siempre. Aparecía Panero en un festival, una feria del libro o un congreso poético y alguien acababa llorando, con una profunda desilusión o dando un portazo después culpar a otra persona —normalmente a su acompañante, cuya responsabilidad necesitaba el poeta para poder viajar—de sacarle, como si fuera un oso borracho. Qué injusto. A Leopoldo le encantaba salir, y aunque no se le daba bien dar las gracias, todo el que lo trató sabe hasta qué punto apreciaba darse una vuelta por ahí. De los numerosos malentendidos que cultivó su figura, uno de ellos fue el del manipulado. ¡Ja! Alguien tan inteligente como él nunca hubiera permitido tal cosa.»



Narrativas fundadoras

No suplemento *Babelia*, do *El País*, Juan Luís Cebrían assina um artigo sobre a importância das narrativas na nossa história comum. «Contar historias ha sido por lo demás un empeño civilizador, una herramienta esencial en la construcción de las culturas. Desde su creación en seis días, el mundo se ha edificado a modo

de relato, y los narradores han sido instrumento primordial de su desarrollo. Vargas Llosa señala que, a través de la literatura, los contadores de historias son capaces de inducir en nosotros, junto a nuestra verdadera vida, una especie de vida paralela, hecha “de palabras e imágenes tan mentirosas como persuasivas, donde ir a refugiarnos para escapar de los desastres y limitaciones que a nuestra libertad y a nuestros sueños opone la vida tal como es”. Por mi parte estoy convencido de que esa vida paralela que él describe forma parte de la vida real, es un elemento no estrambótico, sino vertebral, de nuestra propia existencia.» De Gabriel García Márquez a Truman Capote, de Charles Dickens a Mario Vargas Llosa, Cebrían percorre um amplo espectro de narradores que, trabalhando em diferentes contextos e, por vezes, questionando as fronteiras dos géneros e dos códigos com os quais se relacionavam, contribuíram decisivamente para esta espécie de estrutura fundamental da nossa memória comum. Entre a literatura e o grande jornalismo, não faltam exemplos do que tem ajudado a definir-nos: «Nombres como los de Dickens, Balzac, Zola, Larra, Galdós y tantos otros son ejemplos de la borrosidad de fronteras entre ambas profesiones: la del escritor de novelas y la del escritor de periódicos. Alejo Carpentier describía al periodista como un escritor que trabaja en caliente, y esta es una de las pocas diferencias perceptibles entre ambos oficios. La soledad física y material del creador es reemplazada en el



CHARLES
DICKENS

caso del reportero por una especie de soledad interior, una abstracción del mundo que le rodea, el ruido de las redacciones, las broncas y reclamos de los jefes y los chistes de los más desocupados. Octavio Paz llegó a decir que la buena poesía está impregnada de periodismo.»



As malhas do racismo

Na série de reportagens que o *Público* tem vindo a dedicar ao tema do racismo no espaço de língua portuguesa, um trabalho de Joana Gorjão Henriques mostra as diferentes visões de Moçambique sobre o assunto. Há quem acredite que já não existe racismo no país, pelo menos de um modo instituído, e há quem defenda exatamente o contrário, como acontece com uma investigadora que trabalha em Maputo: «Noutro lugar da cidade, num dos campus da Universidade Eduardo Mondlane, Inês Raimundo (n. 1962), geógrafa doutorada em Migrações e diretora adjunta para pós-graduação da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, fala-nos daquilo que considera ser a permanência de um *apartheid* em Moçambique, em que as raças vivem separadas e pouco se misturam, mesmo agora. “O que cria essas diferenciações é o poder económico, mas quem tem fraco poder económico continuam a ser os negros”, sublinha. Moçambicanos de origem branca e indiana são os que detêm o poder; têm acesso

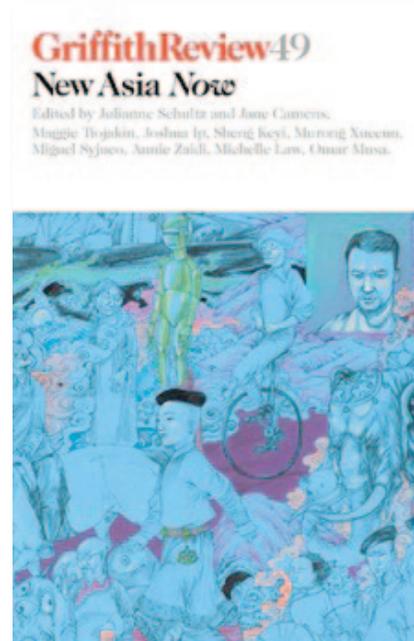


a empregos com salários mais altos. “O negro fica lá, no subúrbio.” Em Maputo, essa divisão pode ser vista a olho nu, defende. “As questões raciais acabam por se misturar com as questões económicas.” Por isso já sentiu discriminação no atendimento em lojas de roupa, por exemplo. “Porque acontece num país africano é a parte mais dura. Fomos mentalizados que somos de uma raça inferior. Vai levar muito tempo.”» Mais adiante, Eliana Nzualo, uma das fundadoras da Wumburi, explica: «(...) existe “alguma tensão” racial, que “não é gritante, mas há muitas microagressões na forma como lidamos com raça”. Explica: “Há uma sobreposição ao nível das classes. Há uma classe dominante que fica com certo poder. É muito raro ver uma pessoa branca que trabalha para uma pessoa negra. Então cria-se a ideia de que o branco é rico, tem dinheiro, come de garfo e faca.” As microagressões passam por coisas como o facto de amigos de Eliana se espantarem por ela ter uma cozinheira mestiça (“quanto mais claro, maior o poder”).»



VVAA
Griffith Review #49
Griffith University

**De que falamos
quando falamos da ásia?**



Não há secção económica de jornal que não passe pelas notícias vindas da Ásia, entre o crescimento da Índia ou a ameaça de queda do gigante chinês, mas pouco se escreve sobre a cultura produzida nesse continente. No que à literatura diz respeito, o cenário é ainda mais parco, com poucos livros a chegarem à tradução para línguas ocidentais (normalmente, o inglês) e com uma série de lugares-comuns a contextualizarem as poucas notícias sobre o assunto. Ficam muitas dúvidas sobre de que falaremos quando falamos da Ásia, tendo em conta o enorme desconhecimento que sobre esse continente temos do outro lado do mundo, mas fica igualmente a certeza de que no próprio continente asiático, a comunicação e a circulação de livros entre os muitos países que o compõem não é, igualmente, uma realidade. Digamos que há uma proporção inversa entre o modo como nos referimos, a partir da Europa ou dos Estados Unidos da América, à Ásia, como se esta fosse uma unidade homogénea e com realidades muito semelhantes, e a pluralidade de cenários, contextos sociais, políticos e culturais, na Ásia propriamente dita. Entre a Índia e o Japão haverá tantas diferenças como entre Portugal e a China, descontada a distância, pelo que a edição de um número como este da revista *Griffith* é um contributo inestimável para esclarecer parte dos mal-entendidos que baseiam estes olhares. No seu número 49, a *Griffith Review*, publicada na Austrália desde 2003, reúne autores da mais nova

geração de escritores, jornalistas e pensadores oriundos de países asiáticos, dando-lhes espaço para publicarem os seus trabalhos mais recentes (alguns, encomendados especialmente para esta edição). Numa introdução assinada pelas editoras Jane Camens e Julianne Schultz explica-se a urgência de reunir este conjunto de autores: “To make contemporary sense of

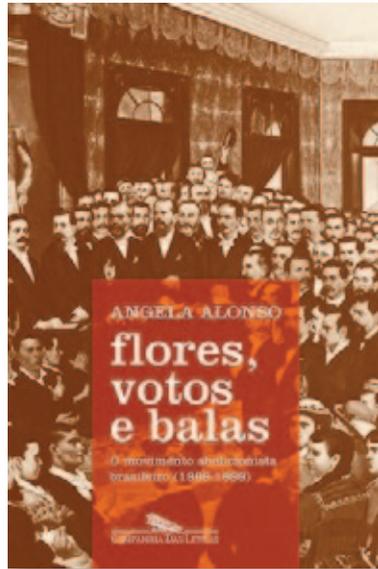
this most rapidly growing, increasingly affluent region, we need to access to the ways Asians see themselves.” É assim que se juntam Murong Xuecun, um dos nomes mais reconhecidos da literatura chinesa contemporânea – e também do questionamento democrático sobre um regime onde a censura ao que se escreve continua a ser regra quotidiana –, Miguel Syjuco, das Filipinas, vencedor do Man Asian Literary Prize de 2008, Omar Musa, australiano que contribui com um conto ambientado na Malásia, e que contribui igualmente ampliando a ideia de Ásia em função das relações estabelecidas na região, e não na visão geográfica tradicional, ou Eliza Vitri Handayani, da Indonésia, cuja abordagem de temas como a xenofobia ou a liberdade de expressão tem sido causadora de alguns incidentes na divulgação dos seus livros. Conhecer os contos, a poesia, as memórias e algumas reportagens assinadas por mais de trinta autores de países tão diferentes como a Índia, a China, as Filipinas, o Japão ou a Malásia permite uma primeira leitura realmente sustentada sobre o mosaico sociocultural de um continente. Sem ilusões de homogeneidade, a *Griffith #49* apresenta aos leitores visões de contextos diversos, reflexões sobre os relacionamentos mais ou menos intensos entre países e culturas e, sobretudo, olhares individuais sobre a realidade que rodeia cada um dos autores que aqui escreve.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



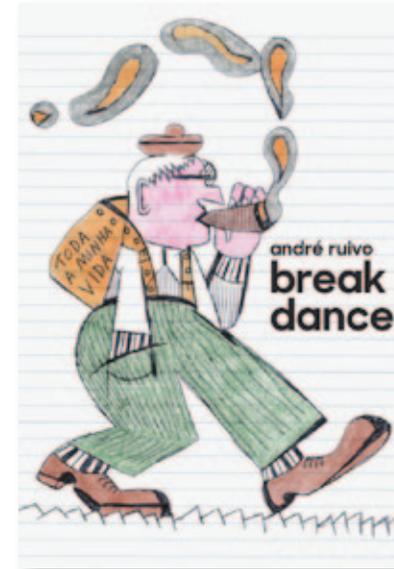
CESAREA.COM.BR



Flores, Votos e Balas. O Movimento Abolicionista Brasileiro

Angela Alonso
Companhia das Letras

Um estudo detalhado sobre o movimento que, entre 1868 e 1888, lutou contra a abolição da escravatura no Brasil. Angela Alonso recolhe documentação que ilustra o compromisso de associações e activistas de diferentes quadrantes e a sua participação em manifestações que contribuíram para o fim desse capítulo miserável da história.



Break Dance

André Ruivo
Mmmnnrrrg

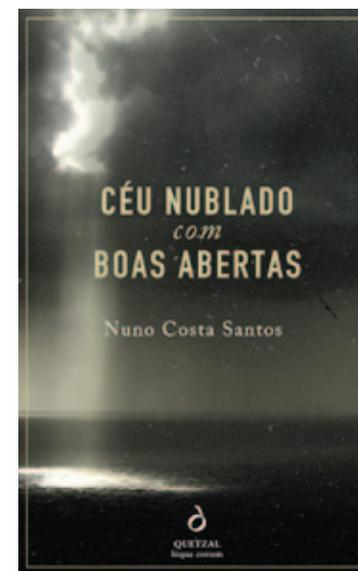
Uma colecção de desenhos de gente que passeia, que está na rua, que se cruza com outra gente. André Ruivo utiliza um registo de desenho que remete para o universo infantil, com o papel pautado e as cores do lápis a marcarem as páginas, e cria um álbum que podia ser um catálogo sobre uma certa natureza humana, urbana, descontraída e, sobretudo, plural.



Mediterráneo. Serrat en la encrucijada

Luis García Gil
Efe Eme

Novo volume de uma coleção dedicada à música, com ensaios sobre álbuns emblemáticos. O disco de Juan Manuel Serrat, *Mediterráneo*, é aqui analisado por García Gil com detalhe e com a colaboração de jornalistas e especialistas de várias áreas, contextualizando-se o processo da sua génese, a história das gravações e o enorme impacto que produziu em Espanha (e não só) em 1971, antes da chegada da democracia ao país.



Céu Nublado Com Boas Abertas

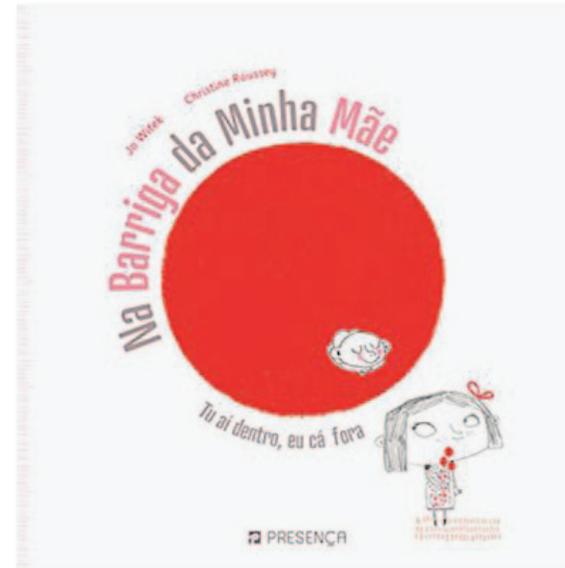
Nuno Costa Santos
Quetzal

Ambientado na ilha de São Miguel, nos Açores, o romance de Nuno Costa Santos parte da missão de reconstrução de uma memória coletiva sem perder de vista o lastro individual que essa memória deixou gravada em diferentes pessoas. Entre o passado e a necessidade de o tornar claro no presente, joga-se o eterno jogo de procurar fronteiras entre realidade e construção ficcional.



A Origem do Ódio. Crónica de um retiro sentimental
Rui Ângelo Araújo
Língua Morta

Uma novela breve e intensa, que acompanha o progresso de um homem magoado em direção a uma espécie de abismo mental onde o ressentimento e o ódio se tornam alimento para os dias. Mais do que a narrativa dessa progressão, *A Origem do Ódio* acaba por ser uma reflexão dolorosa sobre o modo como a memória, o acumular de ressentimentos e a incapacidade de encarar o futuro podem deixar um rasto de rancor impossível de apagar.



Na barriga da minha Mãe
Jo Witek, Christine Roussey
Presença

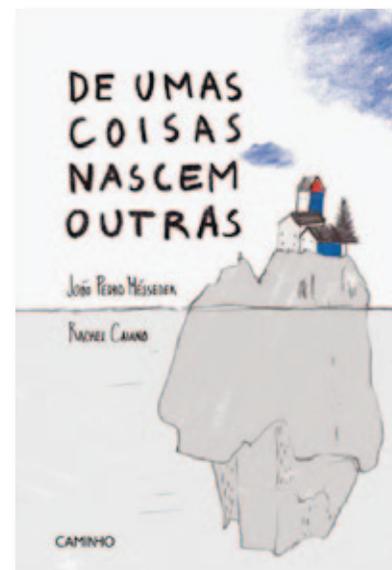
Pela voz da irmã mais velha, assiste-se ao passar do tempo da gestação. Nas páginas duplas, a esquerda é sucessivamente ocupada pela barriga da mãe, que vai crescendo até transbordar para a da direita. Lá dentro uma janela que deixa ver o bebé a crescer. O monólogo rimado da menina descreve a relação que estabelece com a barriga a as expectativas que gere, até ao momento final, o do encontro de ambos.



Na Floresta das Máscaras

**Laurent Moreau
Gatafunho**

A iniciativa de um caçador é o mote para percorrer uma floresta habitada por um conjunto de animais e figuras fantásticas e revelar o seu poder contra o intruso. O autor cria um jogo de gato e rato em que as máscaras destacáveis dos animais funcionam, nas páginas pares, como elementos que, ao serem retirados, desvendam a sua astúcia. Da raposa ao macaco, da coruja ao duende, todos contribuem para transformar o caçador em vítima de uma cómica perseguição.



De umas coisas nascem outras

**João Pedro Méseder, Rachel Caiano
Caminho**

Neste terceiro livro, depois de *O Pequeno Livro das Coisas* e *Nem tudo é sempre a mesma coisa*, João Pedro Méseder prossegue na sua observação detalhada do rísel, conferindo-lhe uma dimensão plural e muitas vezes universal. A mudança pode decorrer do tempo, ou do estado físico, da matéria, da apropriação. O contexto sobressai como agente subentendido, como referente muitas vezes não dito. Rachel Caiano sublinha-o com as suas figuras de olhares expressivos e janelas que se abrem para novas perspetivas.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

GRANTA

PORTUGAL | 6



Noite

Jorge Colombo

GRANTA 6 | Noite

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | OUTUBRO DE 2015

Receba 4 números da GRANTA
com 25% de desconto

Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

«Na noite cabe tudo: o tangível e o imaginado, a insónia e o sono, o sonho e o pesadelo, o cansaço e o descanso, a boca que beija e a boca que morde, o isqueiro e a lâmina, o salto e o susto, a sombra e a sombra da sombra.» – Carlos Vaz Marques

TEXTOS

Alexandre Andrade, William Boyd, A.M. Pires Cabral, Matilde Campilho, Dulce Maria Cardoso, Mário Cláudio, José Riço Direitinho, Nuno Júdice, Robert Macfarlane, Jay McInerney, Antonia Pellegrino, Ana Teresa Pereira, Helen Simpson, Colin Thubron

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Jordi Burch

ILUSTRAÇÕES

Rachel Caiano

CAPA

Jorge Colombo

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

CARTAS
DA GUERRA:
ACERTAR
CONTAS COM
A HISTÓRIA

FESTIVAL
LITERÁRIO
DE MACAU

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

FOTOGRAFIAS
EDUARDO
MARTINS

17

17

Cumprindo a sua quinta edição, o Festival Literário de Macau apresentou este ano um programa extenso, com perto de meia centena de autores convidados. Como tem sido regra em edições anteriores, os livros são um ponto de partida para o mundo, e não um terreno fechado, pelo que a música, o cinema, a gastronomia e a ópera foram temas e linguagens igualmente abordadas ao longo dos quinze dias de programação.

No primeiro dia do Rota das Letras/Script Road deste ano, *Cartas da Guerra*, de Ivo M. Ferreira, foi um dos momentos em destaque na programação, tendo sido exibido ao público de Macau numa das salas do Galaxy. O filme tem vindo a cumprir um percurso assinalável desde que foi terminado, em abril do ano passado. Selecionado para a Berlinale, não mereceu a distinção de um prémio no festival, mas reuniu um conjunto de críticas que o colocaram no centro das atenções cinéfilas. Depois da exibição em Berlim, foi Macau a segunda cidade a poder assistir a *Cartas da Guerra*, que só estreará nas salas portuguesas em setembro, estando agendada, até

lá, pelo menos a passagem pelo Festival de Cinema de Hong Kong, ainda este mês.

Cartas da Guerra parte de um conjunto de cartas que António Lobo Antunes, alferes médico destacado em Angola durante a Guerra Colonial, envia para a sua mulher, Maria José, em Lisboa. Essa matéria-prima de que Ivo M. Ferreira partiu para construir o seu filme é pública, estando disponível no livro *Regressos Quase Perfeitos*, de Maria José Lobo Antunes (Tinta da China). Em várias entrevistas, o realizador tem contado que ouviu essas cartas pela primeira vez na voz da sua própria mulher, Margarida Vila-Nova (a atriz que interpreta Maria José no filme), enquanto esta as lia em voz alta para o filho, ainda à espera de nascer. Terá sido nesse momento que Ivo M. Ferreira começou a estruturar as ideias que haveriam de permitir este filme, mas não foi aí que nasceu o seu interesse pelo tema da Guerra Colonial, como contou à *Blimunda* numa entrevista realizada durante o Rota das Letras. «Era um tema que me interessava tratar, mas nunca tinha arranjado forma de abordar o assunto. Quando li as cartas, pareceu-me que de facto era uma história fantástica para se contar. Adoro terrenos pantanosos e sou especialmente interessado por este período, que acompanha os anos antes de eu nascer. Curiosamente, quando andei na escola, eram os anos menos tratados.



Chegava-se ali um bocadinho antes de 1974 e vinham os cravos, virava-se a página, doze estrelinhas amarelas num fundo azul e estava dada a matéria. Eu sabia, até pela relação com os meus pais, com as pessoas que rodeavam os meus pais, e também por razões políticas e ideológicas, que com certeza não era só aquilo que estava nos livros de história, e que haveria outras coisas para além daquilo. Sobretudo, parecia-me estranho que não se falasse do assunto e se calhar foi por isso que fiquei um bocado refém desta época. Continuo muito interessado, ainda que entretanto possa mudar o meu foco, mas para já, estou a trabalhar nisto, pelo menos para os próximos dois filmes. É verdade que, apesar do que disse, temos a história da Guerra Colonial abordada no cinema, com o *Non ou a Vã Glória de Mandar*, o *20,13*, o *A Idade Maior...* Foi um tema já tratado, mas apesar de tudo, para a importância que tem, é um tema pouco trabalhado, até na literatura. Agora têm aparecido alguns livros, como o da Dulce Maria Cardoso [*O Retorno*], por exemplo, mas não há assim tantos. Que raio de país somos nós, que ninguém quer tratar das coisas, olhar para elas? Agora quero fazer uma coisa sobre as FP-25 e toda a gente me diz, “isso, não!”».

Não será a primeira vez que a Guerra Colonial é abordada no grande ecrã, mas este não é exatamente um filme de guerra, ainda que parte considerável das imagens que o compõem reflitam esse cenário. *Cartas da Guerra* conta uma história de amor e fá-lo com a consciência de que a intensidade do que conta abarca o muito que há à sua volta, um contexto, um país vivendo sob ditadura, um sentimento de injustiça relativamente à guerra que quase ninguém quis travar, as pequenas mudanças que o mundo não evita e que arrastam quem nele vive sem olhar a amores ou desamores. A partir de um conjunto de cartas onde a relação amorosa entre duas pessoas é a linha de força, o filme constrói uma história complexa, com várias linhas de leitura compondo-se em camadas sucessivas. Transformar a matéria-prima das cartas do alferes António Lobo Antunes numa história com estas características não foi imediato, mas para Ivo M. Ferreira foi um processo muito lógico. «Quando li o livro, na minha cabeça foi muito clara a estrutura narrativa que ele tinha, embora a própria personagem mude de ideias, intenções. Isso pode parecer

confuso, mas houve logo algumas coisas que ficaram muito claras. Primeiro havia uma questão que era evidente para mim: as cartas começam num barco, numa ida para Angola, uma espécie de prelúdio. Há uma viagem no início. Havia três aquartelamentos e depois uma viagem final. À partida, tinha uma espécie de estrutura em três atos. Por outro lado, começamos o filme com um personagem que embora seja eventualmente magnânimo, não tem uma base política... a grande preocupação dele é onde vai ficar o retrato do James Joyce e não, de início, a reflexão sobre a própria guerra. E há o lado do deslumbramento com África, o contacto com a cultura, as paisagens, as pessoas, que é evidente e muito marcante para ele. Depois há um outro lado em que, de repente, começa a formar-se um posicionamento político, e passa a haver um inimigo que é claro, um Salazar, um Estado, um Governo. É nessa altura que ele diz claramente “começo a perceber que não posso continuar a viver sem ter uma posição política na vida; o ponteiro do relógio caminha de dia para dia para a esquerda”. Torna-se bastante evidente que aquele personagem tem agora outro tipo de preocupações, e há esse inimigo, o Estado que o empurrou para ali, a ele e a todos os outros, para uma guerra estúpida, injusta e sem sentido. E depois há uma

outra fase em que o problema já é deles com eles, deixa de ser Portugal e passa a estar dentro deles, pelo que sofreram, pelo que passaram durante este processo e, como o próprio personagem diz, pelo que morreram durante este processo, com as suas modificações interiores. Para mim, a estrutura dramática estava claramente delineada desde o início».

Essa mudança que o personagem principal experimenta, e que se revela nas cartas que continua a escrever para a sua mulher, é uma das linhas de força de *Cartas da Guerra*, o movimento de um homem em direção ao mundo, afastando-se do foco em si próprio e nas suas comiserações. «Há um momento em que ele deixa de se queixar do feijão ao almoço, depois da cena do helicóptero, e a carta seguinte diz qualquer coisa como “não te preocupes comigo, tudo ficará bem”. E isso é o momento assinalável, quando ele está mesmo em baixo e cresceu como ser humano, e em vez de se lamentar, de repente toma uma posição de força. É um

CARTAS DA GUERRA: ACERTAR CONTAS COM A HISTÓRIA

momento do crescimento dele que aproveitei claramente, e que é assinalável. Há aquela luz que sai atrás dele, a luz do sol, e que surge com a carta que diz “lembra-te, até ao fim do mundo”. O filme está cheio destas coisas simples, clássicas. Eu não sou muito ligado aos simbolismos, gosto mais dos significantes do que dos significados, é com isso que trabalho e não para as coisas terem um significado. A minha matéria de trabalho são os significantes e depois, cada um faz o outro trabalho, o da leitura».

Trabalhando com material biográfico, e com material biográfico que pertence a alguém com tanto reconhecimento público como António Lobo Antunes, terá sido complexo o processo de criar uma história que não dependesse disso, desse reconhecimento ou de uma identificação imediata e unívoca. Não há, em

Cartas da Guerra, nenhum gesto que force a relação entre essas duas entidades, a do alferes que escreve as cartas e a do escritor que hoje conhecemos. Naturalmente, também não há um esfor-

ço para esconder os factos: o personagem principal passa parte do seu tempo livre ocupado a escrever, e é perceptível o esforço e a vontade de que essa escrita venha a ser importante, relevante no panorama literário. Neste equilíbrio que assume, sobretudo na vontade de fazer um filme, contar uma história e respeitar o material a partir do qual ela se estrutura, Ivo M. Ferreira não deixou de enfrentar os problemas inevitáveis que uma matéria-prima tão íntima coloca (seja ela pertença de uma figura pública ou de um desconhecido). «É muito complicado, porque estamos a falar de um grande escritor, conhecido e reconhecido... Tive de me apropriar do filme, e daí também este tipo de utilizações do preto e branco, que é um modo de criar um filtro entre mim e aquele material biográfico. Não peguei na intimidade de ninguém, peguei num livro que estava publicado, e por vontade das pessoas intervenientes. Mas não deixo de ter muito pudor com aquele material e foi essa uma das razões pelas quais tive de criar estes filtros. Construí o personagem de que eu gosto, não estou a fazer nenhuma colagem... O meu problema, quando construo um argumento, um filme, é defender um personagem, seja ele qual for. Tenho de construir um personagem que tenha dimensão, que não seja plano, e eu tenho de gostar dele. Foi assim que

o desenhei. Haveria outras coisas, com certeza, nas cartas... Descontextualizando, ou mesmo contextualizando de uma forma hipócrita, podes fazer com qualquer matéria o que tu quiseses».

Se o alferes-médico António Lobo Antunes, interpretado pelo ator Miguel Nunes, é o personagem central destas *Cartas da Guerra*, Maria José, numa interpretação de Margarida Vila-Nova, é o seu reflexo num outro espaço, e também num outro tempo, longe do cenário de guerra, sem os ritmos definidos pelos tiros, pelo medo, pela necessidade de sobrevivência, mas ainda assim vivendo em suspenso como se também estivesse ali, em Angola, num aquartelamento. Quando Maria José surge no ecrã, a sua presença é apenas física, sem falas. Quando se ouve a sua voz, ela não coincide com os movimentos da personagem, deambulando pela sua casa, em Lisboa, mas antes com o texto das cartas que vão chegando pelo correio. Terá sido um desafio grande, este de colocar uma atriz

no ecrã sem a sincronia habitual entre imagem e voz? «O desafio maior é este: temos uma ação temporal, uma descrição, e depois a carta tem de ir a voar até outro sítio. Nesse tempo, é como se houvesse um contágio, como se ela pudesse quase sentir as coisas à distância. Muitas vezes é ela a ler, como se fosse ele, e às vezes é ele. Outras vezes é uma espécie de personagem intermédio. Há momentos em que ela lê e já sente como ele, e isso aí é um desafio, mas o desafio maior foi para os atores. Eu digo os 'disparates' e eles é que têm de os resolver, se a tanto os ajudar o engenho e a arte, como se costuma dizer. No caso da Margarida, nesse aspeto, e em tantos outros, é fantástica. E tem outra coisa, que é o facto de ser tecnicamente fabulosa, porque consegue repetir partes de um *take* exatamente da mesma forma, o que ajudou muito num trabalho como este.»

A fechar *Cartas da Guerra*, há um final que resolve as linhas narrativas construídas ao longo do filme, não deixando de colocar questões sobre o caminho posterior das personagens. A narrativa termina, mas fica em aberto o futuro, como talvez sempre fique. Para Ivo M. Ferreira, não se trata de forçar um argumento posterior ao da história que quis contar, mas antes de concluir um processo sem apagar as suas leituras possíveis.

UA 银河影院
Galaxy Cinemas



«Há aqui o drama daquele personagem, mas também o drama de um país e até da humanidade, porque as guerras são dramáticas para a humanidade e nós continuamos a brincar a isto porque há quem enriqueça com o assunto. São coisas que me agrada mais deixar assim... mas isso da narrativa aberta, sempre com parcimónia! Pelo menos na minha cabeça, a história tem de estar resolvida. Ou o corte cria um significado, ou então não faz sentido. Na verdade, as primeiras versões de argumento tinham no fim uma ideia que não era minha. Havia um filme em super-oito, com a Maria José, quando foi com a filha, bebé, para Marimba, que era um sítio onde já era possível estar em segurança (e os oficiais tinham direito a levar as mulheres). Quando ela foi, cortou o cabelo, porque sabia que seria mais fácil, e a descrição que eu tenho desse filme é fantástica: era ela com um vestido muito elegante, daquela época, e uns sapatos de salto alto, no meio da lama, durante um jogo de futebol, e estaria o alferes-médico António Lobo Antunes à baliza. Houve a hipótese de usar esse filme no meu filme, mas foi mesmo no início...Depois, as coisas mudaram».

Sobretudo, porque a realização do filme se estendeu por muito mais tempo do que aquele que se previa inicialmente. «Foram cinco anos, mas esteve parado quatro. Nós começámos a filmar em abril do ano passado e em novembro o filme estava selecionado para Berlim. Somos rápidos a filmar, mas temos é de filmar. Parados, não dá, e sem dinheiro também não. O ICCA não teve dinheiro e paralisou tudo durante muito tempo... Enfim, na versão inicial, havia então a hipótese de usar esse filme, mas depois faleceu a pessoa que o teria, e a própria ideia deixou de fazer sentido para mim. É uma coisa particular neste projeto, o de se tratar de uma matéria com gente viva, mas ao mesmo tempo, sobre a qual ninguém quer falar. Muitas das pessoas que estiveram na guerra não falam disso nem às suas mulheres. Felizmente, falaram comigo. E acho que se é uma coisa da qual ninguém quer falar, é uma época e um contexto que têm de ser explorados, até porque as pessoas começam a desaparecer, naturalmente». Se delas ficar uma parte da sua história, talvez o desaparecimento não seja total.

BOLITO

C
A
R
L
A

OS LIVROS DO DESASSOSSEGO

URROEGHE

M
A
R
C
E
L
L
O

Depois de Mário Laginha, a segunda galeria dos **Dias do Desassossego** traz os actores Carla Bolito e Marcello Urgeghe, que, acompanhados por Miguel Loureiro e Paulo Pinto, levaram a «Alma Inquieta» ao foyer, ao Largo do Teatro Nacional de São Carlos e a uma das varandas do prédio onde nasceu Fernando Pessoa, hoje o escritório de advogados ABBC. Tratou-se de um fim de tarde de leituras de textos de vários autores portugueses, levando a literatura para a rua, uma das premissas do programa dos Dias do Desassossego. Aos quatro actores e a Mega Ferreira, que colaborou na concepção desta sessão, o nosso obrigado.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA



**CONTOS CARNÍVOROS, BERNARD QUIRINY, EDIÇÕES AHAB
A VIDA - MODO DE USAR, GEORGES PEREC, EDITORIAL PRESENÇA**



ENRIQUE VILA-MATAS
ENRIQUE VILA-MATAS
KASSEL NÃO CONVIDA À LÓGICA

PRÊMIO CERVANTES
Adolfo Bioy Casares
O herói das mulheres

**KASSEL NÃO CONVIDA À LÓGICA, ENRIQUE VILA-MATAS, TEODOLITO
O HERÓI DAS MULHERES, ADOLFO BIOY CASARES, CAVALO DE FERRO EDITORES**



Elena Ferrante
A Amiga Genial

ROMA
Exercícios de reconhecimento
António
Mega Ferreira

**A AMIGA GENIAL, ELENA FERRANTE, RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES
ROMA, ANTÓNIO MEGA FERREIRA, SEXTANTE EDITORA**

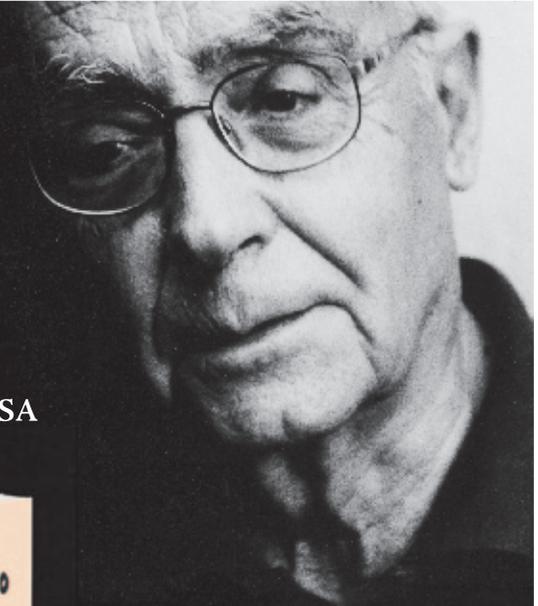


**OS VOLÁTEIS DE FRA ANGÉLICO, ANTONIO TABUCCHI, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
NOSTALGIA DO ABSOLUTO, GEORGE STEINER, RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES**



**UM HOMEM QUE DORME, GEORGES PEREC, EDITORIAL PRESENÇA
KING RICHARD III, THE ARDEN SHAKESPEARE, THOMAS NELSON AND SONS LTD.**

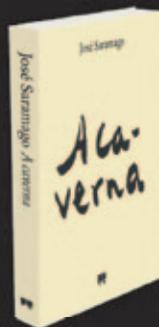
JOSÉ SARAMAGO



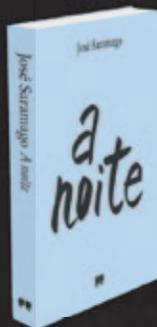
CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



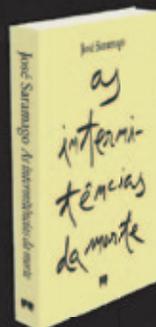
Eduardo Lourenço



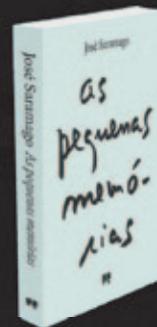
Armando
Baptista-Bastos



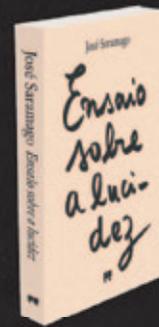
Mário de Carvalho



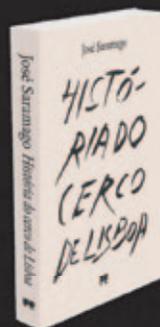
Valter Hugo
Mãe



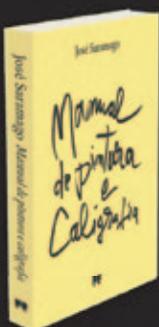
Gonçalo M.
Tavares



Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



Júlio Pomar



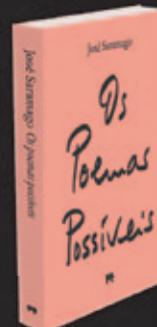
Lídia Jorge



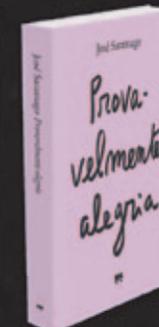
Mia Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

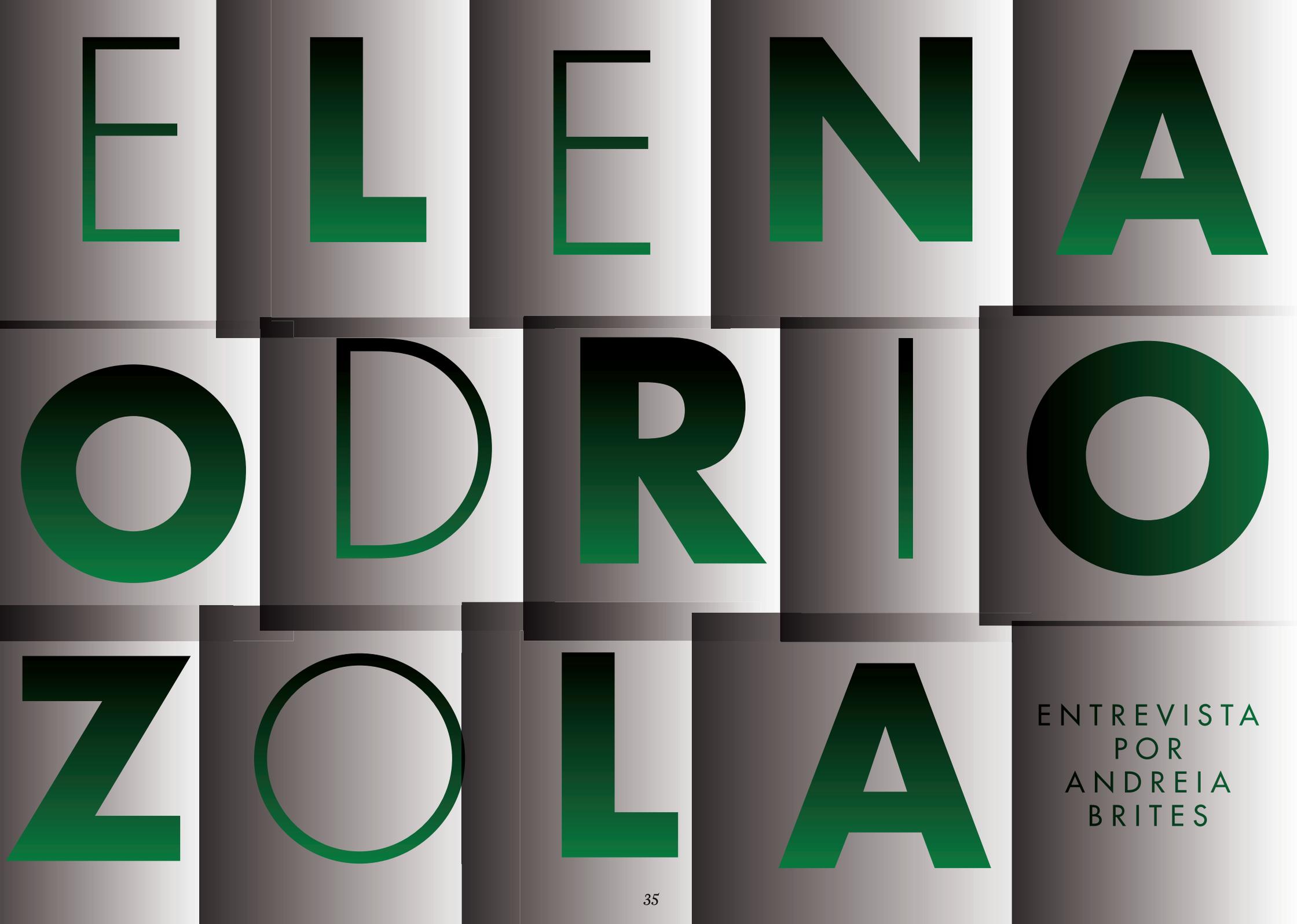
GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO O
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACCÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



E

L

E

N

A

O

D

R

I

O

Z

O

L

A

ENTREVISTA
POR
ANDREIA
BRITES

Elena Odriozola não gosta de falar. Tudo na sua linguagem corporal aponta para isso: a cabeça ligeiramente inclinada, as mãos recolhidas, um olhar expectante. Quando nos conhecemos, na Fundação José Saramago, para a entrevista, foi a primeira coisa que disse. Mas, ao contrário do que seria de esperar, a ilustradora basca que venceu o Prémio Nacional de Ilustração de Espanha em 2015 assumiu dúvidas, expôs a sua forma de criar e não hesitou em confessar a sua frontalidade. Ilustrar é a sua maneira de contar uma história e por isso defende que o seu trabalho é ler e pensar. Não aceita interferências e cultiva o recolhimento. Sobre a sua obra não tem dúvidas de que há livros que sobrevivem ao crivo do tempo e outros não. E é a primeira a dizê-lo.

ELENA ODRIO ZOLA

Conta-nos um pouco o teu processo de criação.

Com cada livro o processo é distinto. Primeiro lê o texto, evidentemente. Tens de gostar do texto. Cheguei a ilustrar textos, há muitos anos, que não me diziam nada. E pensava até encontrar a solução para ir por onde queria. Tenho de o ler e de o interpretar. Afinal ilustrar é interpretar um texto, fazer a tua leitura, contar uma história. Muitas vezes já me perguntaram para quando um livro com um texto meu. E respondo que tenho muita necessidade de escrever, então com os textos dos outros faço as minhas histórias. Conto coisas de que gosto, o meu ponto de vista, a minha interpretação da história.

Tens um projecto longo que se chama Sentimientos Encontrados. Já saiu?

Não. É um trabalho com o Gustavo Puerta, começámos esse projecto há mais de seis anos. Tínhamos uma editora mas a certa altura disseram-nos que já não o queriam. Então já não temos editora. Temos-lhe dedicado muito tempo apenas porque sim, tem-nos arruinado, mas já me falta muito pouco para terminar. Ao Gustavo falta-lhe mais do que a mim. Se me disseses que ia estar num projeto durante tantos anos, dizia-te que isso não era possível porque as coisas mudam muito.

O que aconteceu?

Este projeto tem algo de especial. Acho que a última ilustração não saía porque não o queria acabar. Fala de sentimentos e emoções através de uma casa e da família dessa casa, das coisas que lhes acontecem. Não é um



ELENA ODRIÓZOLA

livro em que cada página conta o que se passa, queremos um livro que se divida em vinhetas, e em cada uma acontece algo. Então tu escolhes qual ou quais acompanhas ao longo do livro, fazes a tua composição. Por exemplo, a ira e a inveja: falamos de sentimentos e emoções que compões com todas as ilustrações. Em cada plano fala-se de tudo e o que para ti é uma coisa, para mim pode ser outra, entendes? Não sei quando irá sair, mas temos desfrutado muito.

Está muito diferente do início?

Nunca pensei que demorasse tanto. Por isso passamos a vida a mudar coisas. Quando olho para alguns desenhos de há um ano, penso que os desenhei de uma maneira e depois vejo-os de forma diferente, vai mudando muito. Já usei muitas minas de lápis diferentes, mais grossas, mais finas... E quando olho para os desenhos não sei qual usei, por muito que olhe não consigo distinguir.

Mas isso é um desafio, não?

Não sei... Estou dedicada à última ilustração, que é a do jardim. Porque quando começa o livro, é como se se entrasse numa casa, vais por planos, há uma criança, passa-se um monte de coisas, também há uma morte.

ELENA ODRIOZOLA

E no fim sai-se para um jardim?

É um jardim atrás da casa. Ainda para mais esse jardim é como o jardim da minha casa; não aquela onde vivo agora mas a da minha avó, que vivia numa aldeia perto de San Sebastian, em Navarra, e íamos para lá todos os Verões. Então a estrutura da casa do livro é a da minha casa. Tenho uma relação muito forte com essa casa. E com o jardim, que é a última ilustração. E não saía, não saía!

Mas não me preocupava muito porque não tinha de passar a limpo. É muito divertido trabalhar neste livro porque temos uma base para criar as personagens e o Gustavo diz-me e se..., e se... – que é uma frase de que ele gosta muito – aqui acontecesse isto? Ou se mudássemos a personagem? Tenho muito claro que não gosto que me sugiram alterações. Mas se trabalho com uma pessoa de quem gosto muito, e isso acontece com o Gustavo, essa pessoa pode dizer-me isso. E essa sugestão pode alterar tudo. De resto, comigo é muito difícil aceitar que alguém o faça.

Aceitas o epíteto de melancólica?

Não melancólica, nostálgica. Tenho uma sensação de que há coisas que não conheci e de que sinto falta.

Não da infância...

Não necessariamente da infância, do que está para trás... De coisas que existiram, que não conheci e de que sinto falta.



ELENA ODRIÓZOLA

Se tivesses que definir o teu estilo, a tua identidade, numa palavra, qual seria?

Não sei, é difícil. Há muita gente que confunde a estética com o estilo. Acho que a estética se pode copiar, o estilo não. Porque o estilo é a estética mais o que tu contas e como o contas. E eu não posso entrar na tua cabeça. No final, a minha estética vai mudando, a minha forma de contar vai mudando, e eu sou o que conto. Todos temos influências, e quando comesças ainda mais. Portanto, a diferença é se tens o que contar e como o contas.

Que autores tens como referência?

Sobretudo clássicos. Quando estava a começar, Lisbeth Zwerger, uma ilustradora austríaca. Gostava da sua estética, da forma como compunha.

Por exemplo Nathalie Parain, encanta-me o Wolf Erlbruch, Quentin Blake, Sempé... Sempre gostei de ler *O Menino Nicolau*. Gosto das suas imagens. Há um livro de que gosto muito, *Os Nibelungos*, de Carl Otto Czeschka, dos anos 20.

Mas não são só autores que me influenciam, adoro claustros, jardins... Quando estás aí sozinha, tens essa sensação de nostalgia...

As ilustrações do *Frankenstein* são colagens em 3D. Como surgiu essa ideia?

Encantam-me os teatrinhos de papel, queria fazer uma coisa que fosse desmontável. Para mim é muito importante a figura e a expressão, e o problema é que naquele tamanho podia ser difícil mostrar a expressão. Então fiz

ELENA ODRIÓZOLA

todo o teatro em torno da personagem, num tamanho maior que depois foi diminuído. E agora tenho tudo em casa, guardado num armário. A ideia foi do Gustavo, e eu tinha uma ideia de como o ia contar. Fiz uma ilustração, mas não gostei. Falámos muito, partilhámos muitas ideias, e ele disse-me: «Porque não fazes um teatro de papel?» Nem pensei mais nisso, fazer um teatro é o mesmo que ilustrar, é o mesmo que contar. Mas o que não tinha funcionado nas primeiras ilustrações, funcionava em três dimensões, e depois fizemos fotos e acabou por aparecer em papel.

Pensas no leitor, quando ilustras?

Não. Quando tenho um texto, o texto leva-me. Pergunto-me: quem é o leitor, quem vai ler o livro, para quem estou a fazer isto? É impossível saber. Desenho para mim. Claro que desenho para os outros mas não posso desenhar para toda a gente. Confio no que sinto, claro que me enganarei. Não é uma coisa consciente. Confio no que leio e isso leva-me.

Qual é o maior desafio de ilustrar clássicos?

Quando li o *Frankenstein* pensei «O que faço com isto?» Havia tantas coisas, tantas imagens, tantas referências. O editor deu-me espaço para fazer o que queria. Se me pressionam, se me limitam, sei que não o vou fazer. Para fazer um trabalho que me envergonhe, prefiro não o fazer. Aconteceu uma ou duas vezes. Com um trabalho para Inglaterra aconteceu isso, perguntas sobre as cores, pressões, e acabei por não me reconhecer nesse trabalho.



ELENA ODRIÓZOLA

Há muitos livros de que não gosto, mas na altura fiz aquilo que sabia e conseguia fazer. Alguns sobreviveram ao tempo. De outros não me orgulho muito. O passar do tempo é fundamental. Por exemplo, quando era criança e desenhava, dizia, «isto é o que vou fazer!», mas depois passa o tempo e vêes que isso é mentira. Custa-me perceber que se continue a fazer o mesmo que se fazia anos antes. Estás a repetir-te. Mas quando fazes uma coisa e o que te sai é verdadeiro, isso transmite-se, há aí qualquer coisa...

Há livros que ficam e outros que passam.

E podes dizer quais são os teus livros preferidos?

Frankenstein, *Eguberría* (Navidad, em castelhano), *Aplastamiento de las Gotas*, com um texto de Cortázar, *La Bella Mandarina*, um livro que illustrei há muito tempo ou *Sabado*. Há mais...

Por exemplo, com a *Cenicienta*, lembro-me de ser pequena, de ver o filme da Disney no natal, e de pensar gostava de fazer isto. Nunca fiz animação, mas acabei por fazer este livro. Em minha casa sempre se desenhava muito, os meus pais desenhavam. Este livro foi uma encomenda com pouco tempo e fiquei contente com o resultado, gosto muito da capa.

Que texto sonhas ilustrar?

Nenhum. Dantes, quando me perguntavam dizia um ou outro por cortesia. Mas na verdade não sou uma iniciadora, respondo a desafios. Quando estou a ler um livro nunca estou a pensar em ilustrá-lo. Mas se alguém me

ELENA ODRIOZOLA

propõe um texto e gosto de o ler, entusiasmo-me logo. Quando me dizem faz isto, se me pressionam e não gosto do texto, não faço, não vai sair bem.

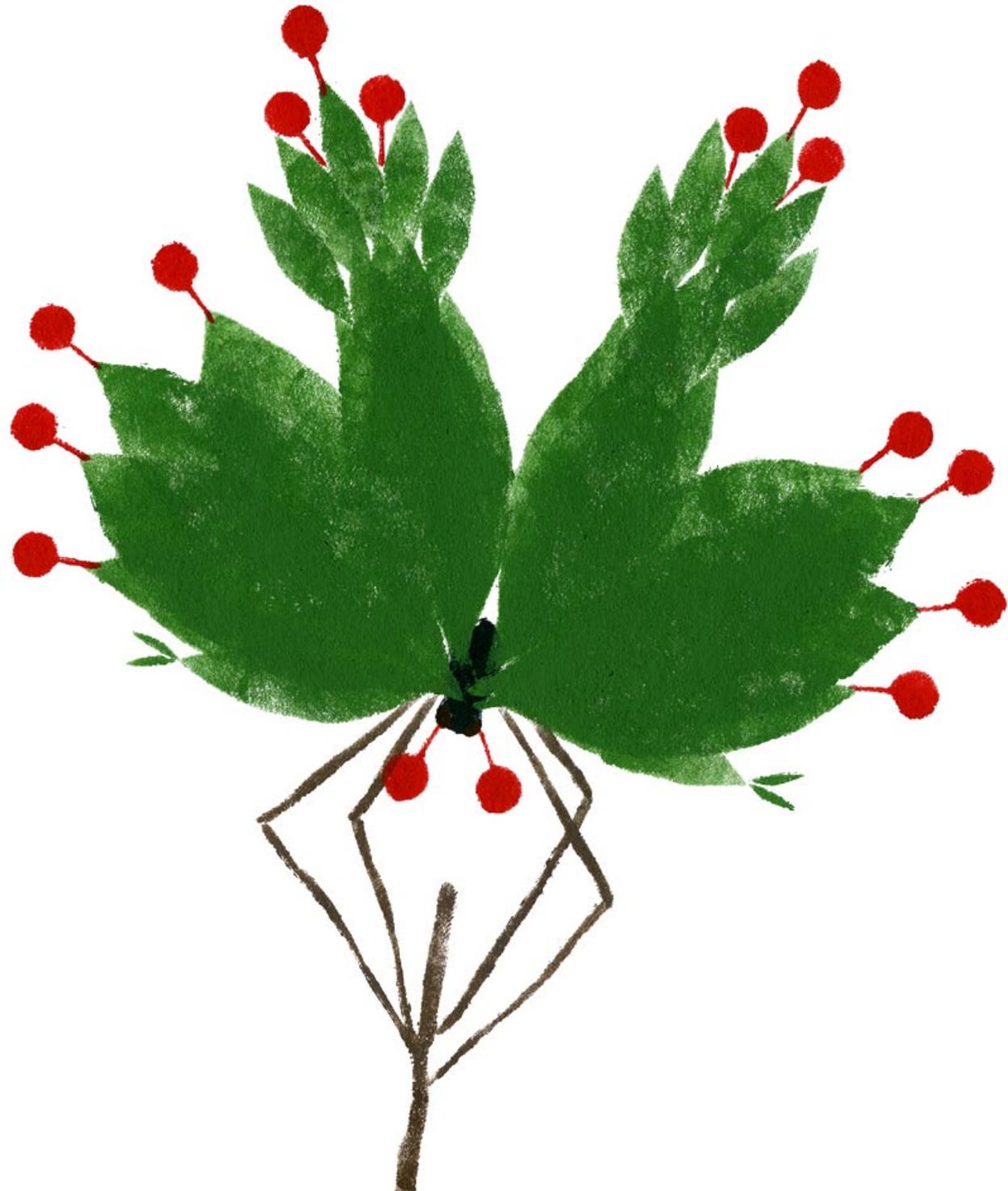
Qual é a importância da língua basca no teu trabalho?

Comecei ali, com a maior editora do país basco de livros infantis. Os textos eram em basco porque para o castelhano já existe o resto do país. Estudei em basco. Trabalhei numa agência de publicidade, fazia muitos desenhos e uma colega sugeriu que os enviasse para a editora Elkar. E foi assim que comecei. A maior parte dos meus primeiros livros eram em basco. Hoje não, mas se me propuserem um texto, e se gostar faço-o, sim.

Mas o basco é a tua língua materna, ou não?

As minhas línguas são o basco e o castelhano. Com o meu pai falava em basco e com a minha mãe, as minhas irmãs e as minhas tias em castelhano. Sempre se falaram os dois idiomas. Depende de com quem falavas. E acho que é também uma questão geracional, com as minhas amigas, todas estudámos em basco, mas falamos em castelhano. A minha irmã, que tem menos quatro anos, fala em basco com as amigas. Entre nós, entre as irmãs, falamos em castelhano.

No meu trabalho, é igual ilustrar um texto em basco ou em castelhano.



ELENA ODRIÓZOLA

Que efeitos teve o Prémio Nacional de Ilustração?

Creio que se notou no trabalho, mas não sei. Fiquei muito contente. Sabia que estava nomeada mas não estava à espera. Depende sempre muito do júri. Quando me ligaram fiquei muito surpreendida, não estava à espera.

Qual é o panorama da ilustração em Espanha?

Devia saber qual o panorama, também devia interessar-me mais sobre o que se passa, mas a verdade é que passo o tempo em casa a desenhar. Estou um bocado afastada. Não é só sorte mas sempre tive trabalho. Quando estava aflita porque não tinha dinheiro para o mês seguinte, aparecia sempre algo. Isto tem a ver com a forma de ser de cada um, mas comigo sempre foi assim. Sempre foi aparecendo trabalho. Mas acho que agora é mais difícil, há muitos ilustradores, toda a gente quer ser ilustrador. Dantes havia menos, era mais fácil começar e ter trabalho. Mas não sei muito do que se passa. Há muitos ateliers e quase nunca me convidam. Acho que nunca fiz um atelier. Nunca levo um caderno para desenhar a partir do que vejo. Gosto é de estar em casa a desenhar. A desenhar e a pensar, é esse o meu trabalho. Pensar.

○ Atelier

Elena Odriozola esteve em Lisboa entre 24 e 26 de Fevereiro, com Alejandro Garcia Schnetzer, a promover uma oficina de ilustração a convite da Fundação José Saramago. A visita foi programada pelo editor, com quem Elena trabalhou no álbum *Sábado*, ilustrando um texto de Alfonsina Storni para o projecto Salas de Leitura, no México, e no livro ilustrado *Oda a una estrella*, com texto de Pablo Neruda, para a Libros del Zorro Rojo. No primeiro dia da oficina, o grupo passeou no Jardim Botânico em busca de uma planta para desenharem. Depois, nos dois dias seguintes, deveriam contar uma história a partir daquela planta experimentando a técnica sugerida por Elena Odriozola e que implicou desenho, recorte e pintura com os dedos. Na quarta-feira, quando nos encontramos para a entrevista, o grupo ainda não tinha começado a experimentar a técnica.

«A parte teórica vai ser dada pelo Alejandro. A ideia é que escolham uma planta para desenharem. Aí dividem-na por elementos num acetato, que recortam. Depois criam uma história a que podem acrescentar elementos, pode ter um inseto, uma mosca, uma sequência a partir dessa planta. “O que acontece aí?” Com esses elementos têm de pintar com o dedo.

ELENA ODRIÓZOLA

E a ideia é contar por imagens. Vou ensinar-lhes a técnica, que os leva a fazer as coisas de uma determinada forma: "Como soluciono isto?" A técnica condiciona a resposta.»

A ilustradora veio munida com o seu próprio projeto, que criou previamente para a oficina. «Já tenho a minha história feita. Faço sempre isso num atelier. Trouxe para mostrar aos alunos. Tenho algumas fotos no telemóvel, vou-te mostrar.» E desvendou a sua narrativa: a metamorfose de uma planta numa borboleta que se revelava em ilustrações sobrepostas numa mesa de luz.

No final da oficina, a ilustradora confessou estar agradada com os produtos finais e até surpreendida com algumas das soluções narrativas que tinham conseguido transformar o condicionalismo da técnica num todo coerente.

Complementarmente Alejandro Schnetzer apresentou ao grupo um enquadramento teórico acerca da edição e produção de livros ilustrados, partindo da sua experiência na catalã Libros del Zorro Rojo e de outros projectos em regime de *free lancer*. Foi aliás de Alejandro Schnetzer o conceito que presidiu à criação de *O Silêncio da Água*, de José Saramago. No final da apresentação dos trabalhos, sugeriu que se trocassem ilustrações e assim, aleatoriamente, cada um dos participantes levou consigo uma parte do trabalho de um dos seus pares.



AND

THE

WINNER

IS....

BOLOGNA
RAGAZZI
AWARDS

Ficção

Mon Tout Petit

Germano Zullo
(texto), **Albertine**
(ilustração)

La Joie de Lire,
Genebra, Suíça,
2015.

Da mesma dupla
de *Les Oiseaux*
e *Ligne 135*, um
álbum poético
sobre os afectos
e a passagem do
tempo.

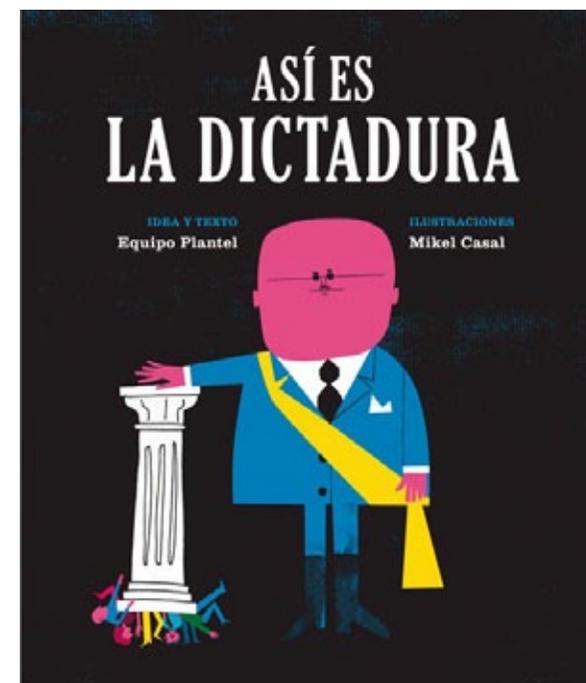


Não Ficção

Libros para Mañana (coleção)

Equipo Plantel
(texto); **Marta Pina,**
Mikel Casal, Joan
Negrescolor e Luci
Gutiérrez (ilustração)
Media Vaca,
Valência, Espanha,
2015.

Coleção de livros
informativos
dedicados a temas
políticos e sociais
como a democracia,
a ditadura ou as
classes sociais.



AND

THE

WINNER

IS....

BOLOGNA
RAGAZZI
AWARDS

New Horizons
(para livros editados
na América Latina,
na Ásia ou em
África)

Tongue Twisters
(Lisanak Hisanak)
Fatima Sharafeddine
(texto), Hanane Kai
(ilustração)

Kalimat, Sharjah,
UAE, 2016

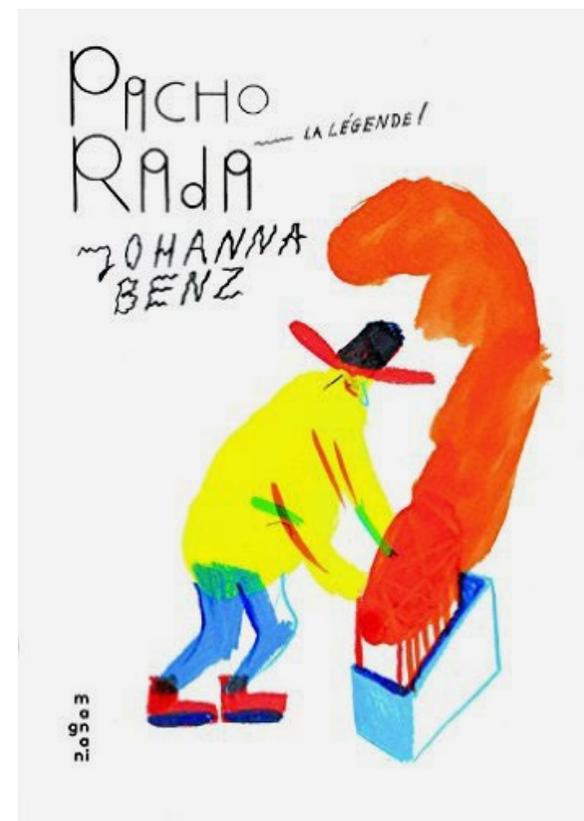
Um livro de trava-
-línguas em que
o jogo sonoro se
complementa com as
composições visuais.



Opera Prima
(para primeira obra
de um escritor ou
ilustrador)

**Pacho Rada, La
Légende!**

Johanna Benz
Éditions Magnani,
Paris, França, 2015
As ilustrações que
mereceram o Prémio
Illustrarte 2014 à
ilustradora alemã
integram este álbum
que reconta o mito do
músico de acordeão
colombiano Pacho
Rada.





VIP PATRÃO GUI
SITA
LOGIC

ANDREIA BRITES

Bem no antigo tecido industrial de Lisboa,

junto aos Armazéns Abel Pereira da Fonseca, em Marvila, entramos para um terreiro, rodeado de edifícios que outrora terão sido armazéns e fábricas. Vamos seguindo e observando os portões, até darmos com o lugar certo: Se é para o Pato, toca o sino! Dentro do armazém, logo à entrada, a Pato Lógico fica imediatamente à esquerda. Originalmente, tinha apenas uma sala no primeiro andar, onde toda a equipa trabalhava. Teto, paredes e chão estavam em bom estado o que facilitou a instalação da equipa. Acrescentaram apenas uma bancada de cozinha, onde em certos dias se podem encontrar recados prosaicos. A receber-nos, um espelho enorme e uma arca que André Letria trouxe diretamente do espólio da avó materna, assim como uma coleção de vinis que guarda religiosamente na sua sala, no rés-do-chão e confessa ainda ouvir, apesar de muitos estarem em mau estado. Tudo realmente *vintage*. A vista não é lá estas coisas, mas as estantes, os candeeiros e os pequenos objectos que o editor coleciona e preenchem as prateleiras, convidam a estar. Junto ao espaço da cozinha, a mesa serve para as reuniões semanais da equipa, que têm lugar todas as segundas-feiras. Ali trabalham Inês Felisberto, coordenadora editorial, Marta Ferreira, assistente editorial e responsável pela comunicação, Jaime Ferraz, designer estagiário, Madalena Marques, mediadora cultural e atriz, que concebe e realiza as actividades no serviço educativo, e Ricardo Henriques, co-autor dos actividários *Mar* e *Teatro* e colaborador, ao nível dos conteúdos, da revista *Voa do Clube Pelicas* que a Pato Lógico produz de raiz. Para além de consultor editorial é também ele o responsável pela presença do cachorro Ricota, que por enquanto não manifesta nenhum incómodo por conviver com tantos patos.

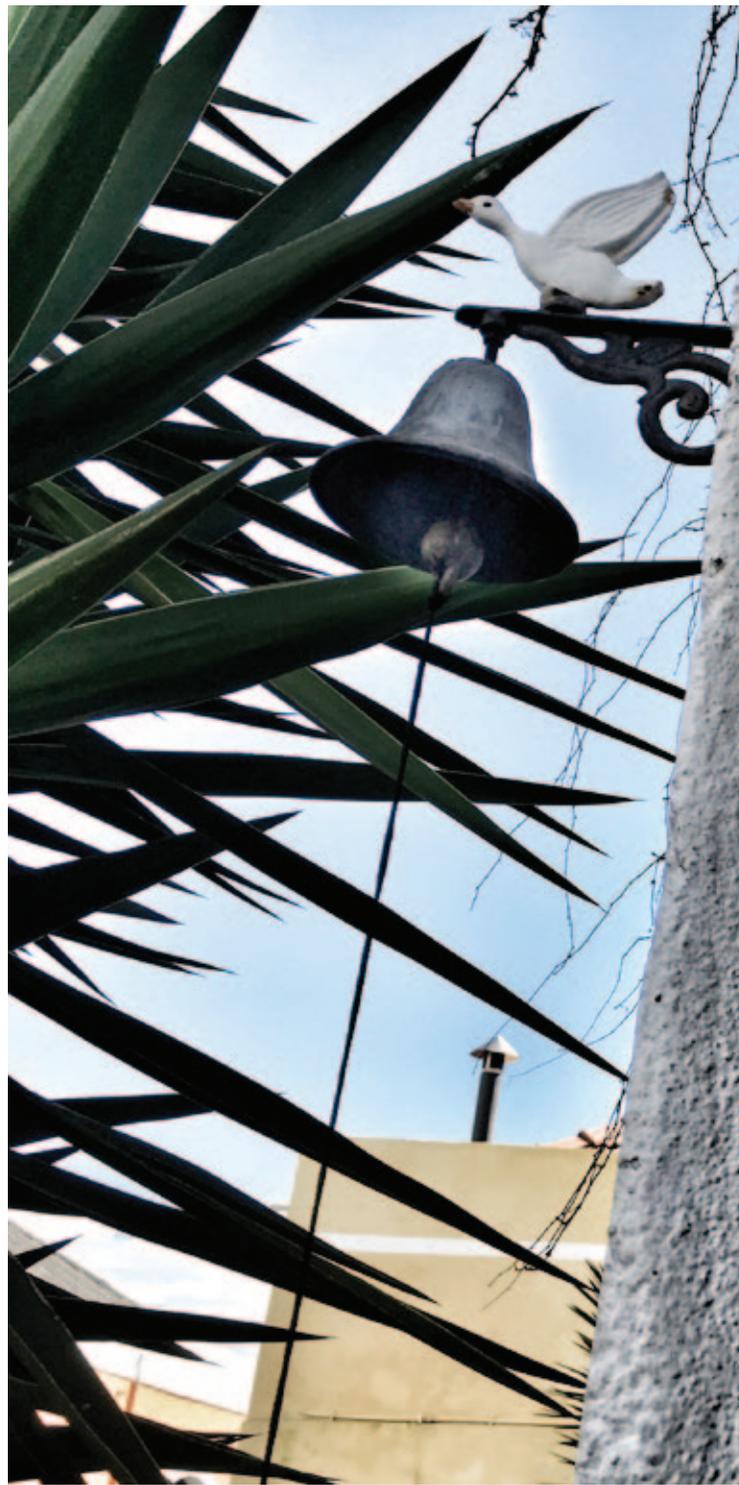
Descendo ao rés-do-chão, um mundo encantado:

A mesa estende-se pelo comprimento da sala que parece ter sido feita à sua medida e nela estão os três eixos de trabalho do ilustrador: pincéis e tintas; livros, revistas e papéis; e ao fundo as ferramentas que ocuparão a parede da entrada. O espaço reflete o seu projeto pessoal: editar, ilustrar e criar objectos. As máscaras são um amor antigo, a que se dedica quando tem tempo. Na parede por cima do computador exibem-se algumas experiências, entre elas a do pato, que partilham o espaço com muitas outras, na maioria compradas em viagem. Em casa há mais. A propósito o ilustrador recupera, de um caixote de baixo da mesa, o molde em gesso da máscara do pato para nos explicar o processo. Com o artesanato contrasta a generosa mesa de desenho digital onde muita da magia acontece. André Letria, cuja identidade em muito dependia da pintura texturada, mostra-nos algumas hipóteses técnicas, com pincéis que reproduzem a aguarela, a tinta-da-china ou o acrílico. Alguns esboços, ainda os desenha manualmente, e depois trabalha-os ali, experimentando fundos, camadas de cor e traços. Mas os originais que ilustraram algumas edições do saudoso *Mil Folhas*, o suplemento cultural do jornal *Público*, ganharam outro lugar, entre livros e outras ilustrações, nas prateleiras de histórias que acompanham o comprimento da mesa. Para o fim, a história da moldura com três notas de €10: Foi o primeiro valor faturado pela Pato Lógico, num quiosque em Lisboa. O livro, *Domingo vamos à Luz*, não seria um sucesso de vendas, ao contrário da expectativa ingénuo e menos experiente do editor no arranque do projeto. Hoje, estes €30 representam tudo o que mudou. A André Letria só falta tempo. Ao espaço não falta nada.





SE É PARA
O PATO,
TOCA O SINO.









COMPRAS

Guarany
TONER

BOM DIA

FO



lógica

Passar a limpar a sala de ba



IRA

IZA



EXIT through NÃO ter

5/3/2000

IVA

A LOIÇA
É MESMO PARA
SER LAVADA

ARRUINADA D
DE USAR. ORE







Os 10 30€ recebidos pela venda do
livro "Domingo Vamo à Luz", no
quinque de Andrade Cruz. 27/5/2010







FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA

Os livros dos Moomins, como ficaram conhecidos, são clássicos da literatura infantojuvenil europeia há muito desaparecidos das livrarias portuguesas. Editados na década de oitenta pela Caminho, fizeram as delícias de muitas crianças e, com alguma sorte, ainda se encontram exemplares avulsos em algumas bibliotecas públicas e até escolares.

No final de 2015 a Relógio d'Água reeditou o segundo e terceiro título da colecção, precisamente os livros mais bem acolhidos da escritora finlandesa Tove Jansson.

Ícones que têm sobrevivido à passagem do tempo, estas são personagens originais: uma espécie desconhecida de animal cuja figura se assemelha ao hipopótamo e com um comportamento aproximado de um excêntrico ser humano. A sua condição de Trolls cria logo uma primeira empatia com um mundo paralelo de fantasia, em muito alicerçado na sua liberdade de ação e no contexto natural em que vivem.

Para além da família nuclear, paradigma de um matriarcado, em que a Mamã Mumin controla a logística quotidiana e o Papá Mumin se dedica à reflexão e à escrita das suas memórias, outros elementos se lhes juntam, entre amigos híbridos e uma namorada um pouco alheada. Na relação entre os mais novos e os adultos estes não manifestam o tradicional poder de veto, apenas um sentido de proteção, aconselhamento e ajuda. Só assim se compreende que nem o papá nem a

O Cometa na terra dos Moomins A Família dos Moomins

**Tove Jansson
Relógio d'Água**



mamã Mumin se oponham à viagem do filho e do seu melhor amigo para um lugar inóspito e desconhecido, sem qualquer garantia de segurança. Essa liberdade é própria de todos os protagonistas de aventuras infantojuvenis, nas quais os adultos cuidadores são banidos com justificações a calhar ou são enganados pelas crianças. Aqui, os adultos são perfeitos aos olhos dos mais novos e por isso não é preciso afastá-los.

Todas as figuras têm algo de ingénuo, seja uma imanente desatenção, uma obsessão, um desejo de aventura desnecessário. E

todas, de uma forma ou de outra, atentam no mundo, mesmo que expressem acerca dele afirmações depropositadas que em nada se relacionam com o que estão a ver ou acaba de acontecer.

A uma preocupação central, como acontece no segundo livro, quando Muminroll parte com Sniff em busca de informações no Observatório das Montanhas Solitárias sobre o cometa que deverá abater-se sobre a Terra, juntam-se diversas peripécias que neste caso atrasam os viajantes e os enriquecem com novos conhecimentos, experiências e contactos com parentes Trolls ou outros seres especiais.

As aventuras são perigosas na medida certa e a estrutura narrativa suspende repetidamente a acção principal. A intenção das acuradas descrições, que contrastam com diálogos que por vezes roçam o absurdo, é a de levar o leitor para as montanhas, o rio, o bosque e reproduzir, por palavras, uma profusão de estímulos sensoriais que a natureza emite. Os Moomins são livros morais: apologias da liberdade, da comunidade, do respeito e da harmonia com o espaço natural. Tove Jansson escreveu o primeiro volume, *The Moomins and the Great Flood*, em 1945, na ressaca da Segunda Guerra Mundial, e assumiu tê-lo feito em reação à catástrofe em que a Europa mergulhara. O lugar clássico da obra, que conta com nove novelas e cinco álbuns, justifica-se precisamente pela sua vertente universal, atemporal e simultaneamente moral.

— Olhem! — disse o Sniff aterrorizado. O céu já não era azul. Era de um vermelho-pálido!

— Talvez seja o pôr do sol — disse o Farisco, pouco convencido.

Mas o Mumintroll estava muito sério, e disse:

— Não, desta vez é o cometa. Vem a caminho da Terra. Mesmo no cimo do cume pontiagudo atrás deles ficava o Observatório. Lá dentro, os cientistas faziam milhares de observações fantásticas, fumavam milhares de cigarros e viviam sozinhos com as estrelas.

Caminharam até lá acima em silêncio, e o Mumintroll abriu a porta. Lá dentro havia uma escadaria que eles subiram até se encontrarem à entrada de uma sala muito alta com teto de vidro. No meio da sala, um telescópio gigante girava lentamente, vigiando o céu, e ouvia-se o constante ranger da máquina. Dois professores andavam num alvoroço de um lado para o outro, apertando parafusos, carregando em botões e tomando notas.

O Mumintroll tossicou respeitosamente.

— Boa tarde! — disse. Mas os cientistas não lhe prestaram atenção.

— Belo tempo! — disse o Mumintroll um pouco mais alto. Mas continuou sem obter resposta. Então aproximou-se e tocou timidamente no braço de um dos professores.

— Andámos várias centenas de quilómetros para o conhecer, senhor — disse.



— O quê? Tu outra vez? — exclamou o professor.

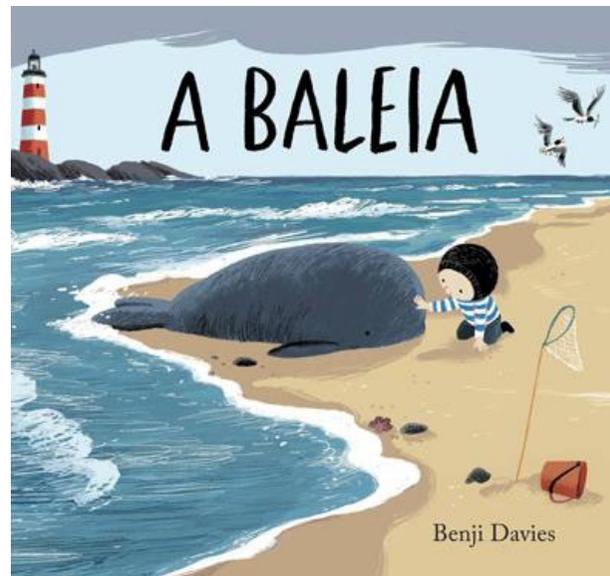
— Desculpe — disse o Mumintroll —, mas nunca aqui tinha estado.

— Então eram dois extraordinariamente parecidos contigo — assegurou o professor. — Tanta gente a vir aqui... Nós não temos tempo, sabes? Não temos mesmo tempo nenhum. Este cometa é a coisa mais interessante dos últimos noventa e três anos. E agora diz-me lá o que queres daqui, mas despacha-te!

No primeiro álbum em que assina o texto e a ilustração, o diretor de animação e autor inglês opta por uma narrativa sutil e dual, em que o desenlace depende sobretudo da ilustração. Na tradução portuguesa, a economia textual e a escolha do léxico criam um efeito afetivo que extravasa do próprio livro.

A Baleia representa um acidente, um acontecimento extraordinário que, no seu acaso, cumpre o propósito de alertar para a solidão de um menino que sempre vive um quotidiano a solo, entre os gatos e as brincadeiras com o que o mar traz, enquanto o pai vai pescar. Depois da tempestade, quando o menino avista a baleia e decide tudo fazer para a salvar, o seu empenho vai para além de a devolver ao mar. Ao descobrir o cetáceo, o pai apercebe-se igualmente da falta de atenção que tem dispensado ao filho. Começa então uma inversão na narrativa que ocorre apenas no plano visual já que o texto nunca se afasta das expectativas e emoções do menino em relação ao animal. A subtilidade concretiza-se nas duas últimas páginas duplas e resulta dos detalhes com que a intimidade do lar é apresentada ao longo de todo o álbum. Os espaços interiores, seja de que perspectiva se apresentem, incluem sempre elementos que lhes dão vida: uma toalha atrás da porta, um desenho na parede, um cabide à entrada com o impermeável do pai, utensílios e loiça que mudam de sítio nas duas

A Baleia
Benji Davies
Orfeu Negro



ilustrações dedicadas à cozinha, o centro da casa. Tudo o que não é dito ao leitor, é em contraponto mostrado para que este teça o perfil daquela família monoparental sem sombra de infelicidade, em que tudo parece funcionar com naturalidade. Ficamos a saber que os gatos partilham o espaço e o tempo das refeições dentro de casa, que tanto circulam no seu interior como se aninham nos telhados ou vagueiam por entre armadilhas para polvos e a quilha de um bote. Do mesmo modo, o menino recolhe pedras, paus e

estrelas do mar, mas tem à disposição uma bicicleta e um precioso carrinho de mão que lhe servirá de grande ajuda para recolher a pequena baleia. A comida também está sempre presente, dos cereais ao pequeno almoço às bolachas que Noé leva para a casa de banho enquanto trata da baleia, do guisado ou sopa de peixe do jantar às sandes com doce do simbólico picnic final.

Algo remete para Oliver Jeffers: não é apenas o traço e a figuração do rosto do menino, mas também a alternância entre as ilustrações de página inteira e de página dupla e outras que se encaixam em pares, narrando um momento de progressão. Para além disso, a cena do bote no mar com o pai e o filho reconduzindo a baleia a casa não deixa de fazer ecoar a doçura de *Perdido e Achado*. Mas a grande diferença, e que marca a identidade deste álbum, reside precisamente nesse outro nível de leitura, nessa moral implícita que Jeffers não tem, pelo menos não na trilogia do menino e do seu amigo pinguim. Por muito que as cores, as formas e a estrutura sejam similares, há nessa narrativa visual uma profusão de mensagens que nos transporta para dentro daquela vida, a torna consistente e previsível e ainda eleva o sentido final do álbum.

Aproximou-se e nem quis acreditar no que os seus olhos viam.



Uma pequena baleia tinha dado à costa.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

saramaguiana

A NOITE
DAS

MIGUEL KOLEFF

ROTATIVAS
EM MARCHA

Publicado originalmente em *Hoy día Córdoba, Suplemento Magazine Cultura*, 4 de dezembro de 2014.

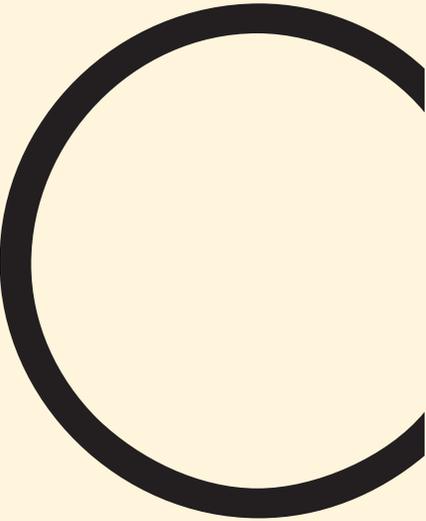
*A nossa vida é uma resistência contínua à debilidade,
à renúncia, ao conformismo, e até, por vezes,
às pequenas e grandes traições.*

Manuel Torres

Há títulos que desde o momento em que nascem traduzem a inquietude com que foram forjados. O caso da primeira obra teatral de José Saramago é um deles. *A Noite* a que se refere corresponde à noite da Revolução dos Cravos e prolonga-se até ao amanhecer do 25 de abril de 1974, que confirma a ação militar. Os capitães tomaram o controlo da cidade e esse controlo vai-se estendendo a todo o país. Após quarenta anos de ditadura, respiram-se em Portugal ares de renovação e de democracia.

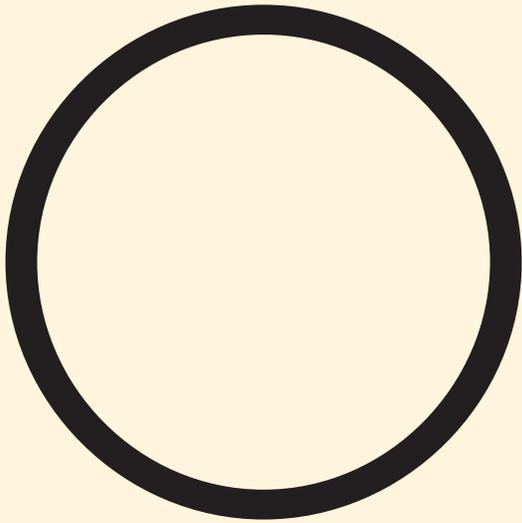
Saramago antecipa neste texto um dos temas que será o *leit motiv* das sua produções ficcionais a partir dos anos 80: a impugnação do poder. E realiza-o do modo denodado a que nos acostumou. A cena decorre na redação de um jornal afeto ao regime e sujeito à censura vigente. É tarde e há que fechar o editorial quando começa a propagar-se o rumor de uma suposta rebelião nas ruas. Estas notícias não oficiais, que ao longo da trama se vão ratificando, põem em evidência uma transformação social e política que modificará as estruturas e que exigirá uma tomada de posição tanto do jornal como dos jornalistas e técnicos envolvidos.

O desenvolvimento sequencial parte desta premissa e determina as circunstâncias em função dos comportamentos assumidos. Esboça-se rapidamente um quadro dos cooptados ao salazarismo e de uma minoria discordante que reage com satisfação às possibilidades que se avizinham. Há que dizer, no entanto, que o mais patético de tudo não radica nesta espécie de submissão ostensiva ao poder político por parte da direção mas às formas de assegurar a sua perdurabilidade mesmo se o resultado for discrepante das convicções defendidas. Nenhuma diferença quanto ao axioma de Groucho Marx e das ideologias que se negociam em função das necessidades [«Esta é a minha ideologia; se não te agrada, tenho outra».]

omo durante várias horas se desconhece o carácter do golpe militar – uma ação defensiva da direita? Um contragolpe da esquerda? –, o conjunto de ações que desarticula a rotina torna-se tão nebuloso como os procedimentos que se querem legitimar e sustentar a qualquer preço. Não devemos deixar de pensar – neste sentido – que esse jornal em particular representa metonimicamente os meios de comunicação disseminados pelo país.

É óbvio que nesta obra teatral o autor português reelabora parte da sua biografia, já que durante muitos anos praticou o jornalismo tendo sido, inclusivamente, diretor-adjunto do *Diário de Notícias*. Não seria absurdo supor que os episódios relatados sejam de algum modo fiéis à sua experiência, tal como se explicita no editorial pensado para o dia seguinte, no qual refuta – de forma ve-

rídica – um argumento pessoal utilizado durante o seu trabalho jornalístico¹. Contudo, a intenção de Saramago excede o revisionismo histórico porque questiona o exercício responsável da notícia.



eixo desta discussão fica patente quando Abílio Valadares, o chefe de redação, reflete sobre o papel que caracteriza a atividade profissional e pretende alijar qualquer intencionalidade em seu nome. «Defendo a objetividade, a neutralidade da imprensa, não estou comprometido com o poder» (Saramago, 1979, p. 91). Finge dar lições sobre a conduta correta em vez de agir de acordo com as circunstâncias imprevisíveis: se aderir ou negar-se aos acontecimentos pensando no público cativo e na repercussão futura que o jornal terá em relação à cidadania quando se consolidarem os movimentos revolucionários.

A posição dos tipógrafos liderados por Manuel Torres – o grupo do Torres, como é conhecido – é mais enfática ainda ao colocar como princípio orientador não a consideração pública num contexto próximo mas a ação cívica que corresponde ao momento atual. Um personagem feminino – profundamente saramaguiano – que faz parte desta equipa, define-o com precisão: «A nossa primeira e única obrigação é ir averiguar o que se passa e dizer. Não temos outro dever.» (P. 107) Trata-se de Cláudia, a estagiária, que de personagem de segundo plano passa a figura incontestável do drama a partir da sua intervenção.

1. Numa nota de rodapé, Saramago assinala que o artigo de fundo elaborado pela personagem ficcionada é transcrito do jornal fascista *Época* e que surgiu em 26 de abril de 1973. O autor acha-se no direito de o citar já que o signatário responde a um artigo seu publicado no *Diário de Lisboa*, onde exercia ao tempo as funções de editor. (M. K.)

Para lá do posicionamento político que os personagens assumem em relação aos acontecimentos históricos de que são protagonistas, o que torna vigente o texto de Saramago é o olhar pelo interior das corporações e seu funcionamento, o modo como se manipula a informação e a sua correlação política: a responsabilidade que cabe ao jornalismo de não se transformar em utensílio de conspiração.

No final da obra introduz a oportunidade revolucionária, ao referir Walter Benjamin (Benjamin, *Teses sobre a História e Outros Fragmentos*, 2009, p. 29) [Tese XVII]. O falseamento de perspectivas do governo ditatorial dá lugar à impugnação frontal das cumplicidades arrivistas. Cabe ao jornal reciclar-se internamente e assumir a sua participação ativa no concertamento dos eventos democráticos. Isto pressupõe mudanças radicais que dialetizam o olhar e o tornam apto ao desafio de uma sã dissidência. A revolução está nas ruas mas troveja nas rotativas que se põem ao seu serviço. Não se trata apenas de registá-la com imparcialidade mas de encarná-la como movimento cívico que exige compromisso.

saramaguiana

LEVANTEI-ME

DO CHÃO

COLAGEM DE TEXTOS DE

CARLOS

MARQUES

Publicado originalmente em *Hoy día Córdoba, Suplemento Magazine Cultura*, 4 de dezembro de 2014.

Levantei-me do chão é um projecto de Carlos Marques/Algures, co-financiado pela Dgartes e pela autarquia de Montemor-o-Novo. Após andar por onde as personagens do *Levantado do Chão* de José Saramago andaram a sobreviver, o projecto chega finalmente a Lisboa, ao Auditório da Fundação José Saramago no dia 30 de março, sob a forma de concerto teatral em torno das palavras de Saramago. Um músico de hoje conta e canta as histórias do livro.

A partir de *Levantado do Chão* de José Saramago e outros textos: "Fall Collection" de Rui Pina Coelho; "O Medo de Existir" do José Gil, "A paisagem e as palavras que lá estão" de Fernanda Cunha, do discurso de Pilar Del Río aquando da sessão comemorativa dos 30 anos da obra, inspirado pelos filmes *Network* de Sidney Lumet e *Asas do Desejo* de Wim Wenders e Peter Handke; pela música de Gilberto Gil, Man Man, Zeca, Zé Mário, Fausto, Sérgio Godinho... entre tantos outros.

Dois repórteres, ouvem-se estrondos, bombas gritos.

Repórter 1

Um enorme estrondo. Não se sabe de onde vem.
Milhares de pessoas na rua.

Repórter 2

Um enorme estrondo. Milhares de pessoas na rua. Uma enorme manifestação. Polícia nas ruas. Milhares.

Repórter 1

Um estrondo. Este foi o maior. Estilhaços por todo o lado.

Repórter 2

Há um cão imóvel. Um cão no meio da praça, parado.

Repórter 1

Toda a gente na rua. Uma confusão enorme. Uma explosão. Um estrondo. Todos correm de um lado para o outro. Há uma massa enorme de gente que ocupou a praça principal da cidade e que – *Ouve-se um novo estrondo* – Atenção, um novo estrondo. Há uma massa enorme de gente que ocupou a praça principal da cidade e que – *Ouve-se um novo estrondo* – Mais um estrondo. Montras partidas. Há vidros por todo o lado.

Repórter 2

Atenção. Há um homem na praça.

Repórter 1

É um homem que perdeu o emprego e que veio para o meio da praça.

Repórter 2

Parado? No meio da confusão. Toda a gente corre. Menos ele. É isso? Não sai dali há horas. Está ali parado há horas. No mesmo sítio.

Repórter 1

Acho que mexeu uma mão.

Repórter 2

Deve ser um marxiano, do planeta Marx. Do vermelho planeta Marx. O homem desempregado.

Repórter 1

A praça encheu-se de gente. Toda a gente foge, de um lado para o outro.

Repórter 2

O homem desempregado continua pregado no meio da praça – *ESTRONDO*

Repórter 1

Outro estrondo, o maior, Há roupa, madeira, mobília – *ESTRONDO*. Estilhaços por todo o lado, É impossível dizer o que se está a passar. Um estrondo.

Repórter 1

O fumo dissipa-se, Há pouco ouviu-se mais uma explosão,
Um estrondo. Deve ser um marxiano, do planeta Marx.
Do vermelho planeta Marx.

Repórter 2

O fumo dissipa-se, Tudo assenta, mais tarde ou mais cedo.

Repórter 1

O que é que ele tem na mão?

Repórter 2

Os estilhaços, Os pensamentos.

Repórter 1

É um homem que perdeu o emprego e que veio para o meio da praça.

Repórter 2

Com cartas de amor na mão?! Aquilo não são cartas de amor. Aquilo são... -

Repórter 1

Não consigo ver. Parece um livro...

Repórter 2

Parecem notas antigas ... que saíram de circulação.

Repórter 1

Não consigo ver. Seguramente São papéis, mas não percebo bem o que...

Outro estrondo enorme.

Um homem atravessa o palco coberto de panos brancos que escondem mobiliário. Levanta um muro ao fundo.

Por baixo dos panos estão instrumentos, microfones, um enorme aparato do que antes foi um estúdio ou um palco de um concerto. Ele começa a tocar.

Canção 1 – Luta pelo pão

Luta por trinta e três escudos

Luta pelas oito horas

Contra o medo da morte

Luta por amanhã

Medo de fuzilamentos,

Contra a manipulação.

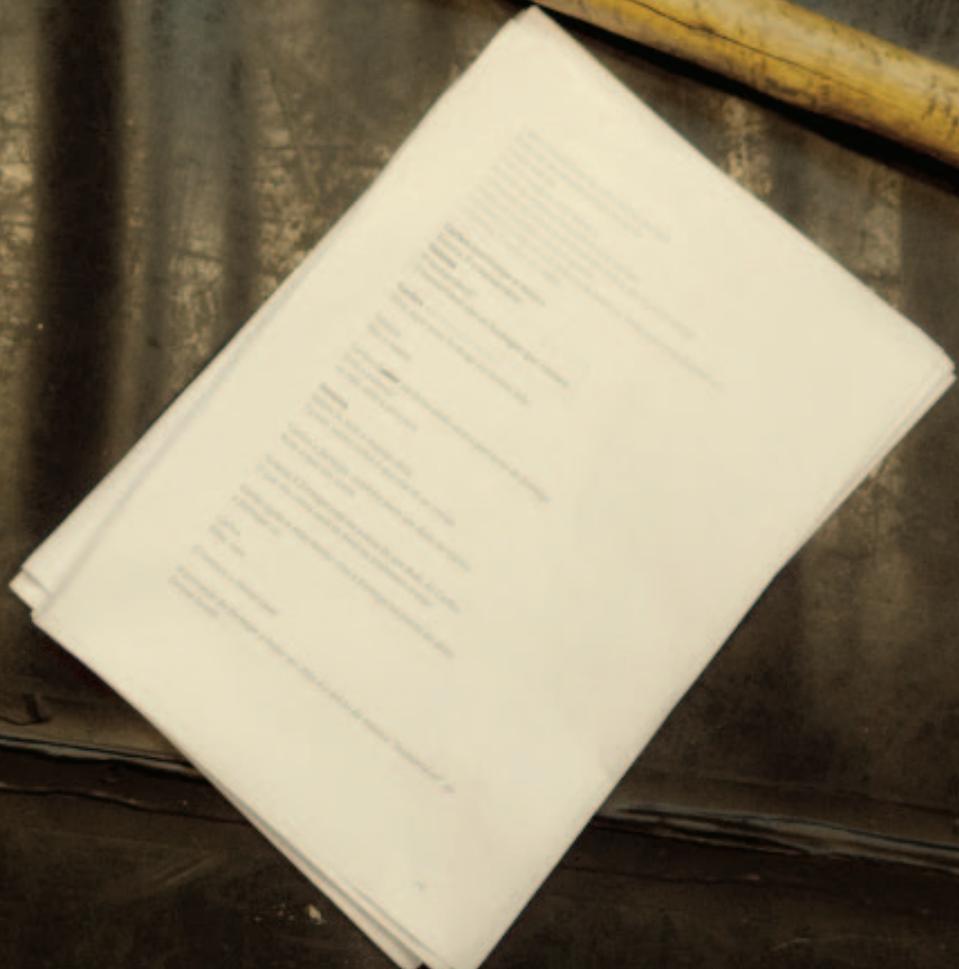
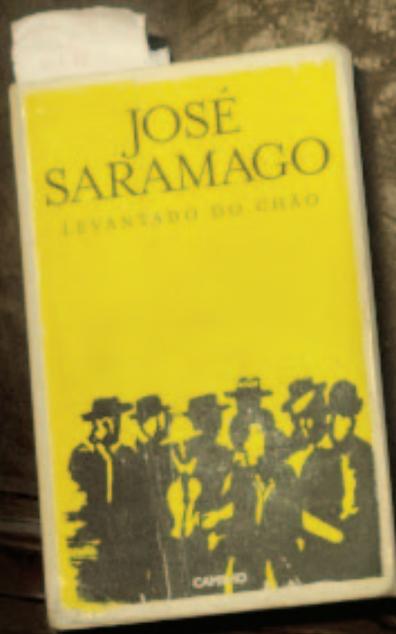
Luta por eleições livres

Luta por amanhã

Luta p'lo pão, Luta p'lo pão

Luta, luta, luta, luto.

Contestação, Contradição, Reclamação



*Impugnação, oposição, indignação
Morreu a proletária ditadura
A ditadura do mercado já nasceu há muito
Encurralados, crucificados
Nos malabarismos dos mercados
Luta por 40 horas
não à privatização
luta pela água fresca
Luta pela alimentação*

Canção 2 – Tanta palavra

*Primeira Geração: Tempo do silêncio e da resignação
Segunda Geração: Tempo das perguntas, levantem-me do
chão
Terceira Geração: Tempo da resistência, levantem-se do
chão
Quarta Geração: Tempo de liberdade, Levantados do
chão
Quatro Gerações, terríveis condições
mudança ao longo dos tempos
Muitas privações, efabulações, uma só família Mau
Tempo*

*Domingos e Sara casaram 5 filhos tiveram
O mais velho é João que casou com Faustina
Três filhos tiveram: António, Amélia e Gracinda
Amores e paixões no meio de contradições.
Tanta palavra, tanta página, tanto verso, tanto dizer
O homem com que mais aprendi não sabia ler nem
escrever
António é narrador, Amélia vai pra Lisboa, Gracinda se
enamorado
O coração disparou por Manuel Espada e mais tarde se
casou
Um rebento tiveram, filha da liberdade
Seu nome Maria Adelaide e acabou-se a austeridade
Gente, solta e miúda, que veio com a terra
Mas que não está registada na mesa da escritura
Tanta palavra, tanta página, tanto verso, tanto dizer
O homem com que mais aprendi não sabia ler nem
escrever
Cantemos ainda Lambertos, Norbertos, Latifundibertos,
Ectribertos
Gente de origem germânica que não muda de nome,
nascidos uns dos outros*

*Os donos da terra, que serão sempre os mesmos
Papões, comilões registados na escritura
Com o sangue nas mãos são martelos para os cães....
Aí está a terra, seus donos, o pão e o trabalho*

Memória da Maria Adelaide

O que mais há na terra é paisagem, por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou. A paisagem é sem dúvida anterior ao homem. Não faltam cores a esta paisagem... tanta paisagem.

Um homem pode andar por cá uma vida inteira e nunca se achar, se já nasceu perdido. E tanto lhe fará morrer chegada a hora. É sabido que as paisagens morrem porque as matam, não porque se suicidem. Mas isto são histórias que levam séculos a contar.

Há livros que não têm pressa de ser lidos.

Há livros que não têm pressa de ser lidos.

Há uns anos atrás deram-me um livro que não conseguia ler. Lia uma página, duas e não conseguia passar dali.

Não percebia nada, era confuso, não conseguia passar da segunda página.

Se calhar não tivemos nem poesia suficiente, nem teatro suficiente, nem música suficiente, arte suficiente, nem educação alargada que nos desse alguma coisa diferente disto tudo.

Opá, lê em voz alta – Então, li em voz alta.

Escutei as palavras, como se me pertencessem, como se fizessem parte da minha história. Mas até parece que é proibido consumir poesia... pode haver um perigo de contaminação! “Quando a palavra da poesia não convier à política, é a política que deve ser corrigida” disse a Sophia.

Canção 3 – Song Train ou o Princípio

Chamo-me Domingos Mau-Tempo e sou sapateiro – Mau tempo trouxe vossemecê. É assim que começa a saga desta família. Numa carroça, Domingos, bêbado, sua mulher oprimida Sara e o filhote João de olhos azuis. De terra em terra Sara vai engravidando e totaliza cinco filhos e Domingos, na errância dos caminhos acabará por se enforcar. Sara acabará louca.

Com o suicídio do pai, é chegada a vez de João Mau Tempo de ser o novo homem da casa. Dono de coisa nenhuma, pois nem merenda leva quando cava.

Todos os dias levanta-se ainda noite fechada, caminha meio a dormir com o estômago frouxo até ao lugar do trabalho e “ósdepois”, até o sol posto, para tornar a casa, outra vez de noite morto de fadiga, se não é já transe de morte.

Passa o tempo dá-se a Primeira Grande Guerra... e muito comia a guerra. À guerra vão os heróis, mas João não tem corpo de herói. Está crescido o rapaz! Mas não tem corpo. Não tem corpo, mas apaixona-se. E quem é que nunca se apaixonou? Conhece o seu grande amor, Faustina, começam a namorar e decidem casar, porém como a família da donzela é contra, fogem, em pleno inverno, levando um pedaço de pão com chouriço para comer pelo caminho: de mãos dadas os dedos tremiam, e talvez rendidos pelo medo, pelo frio e pelo cansaço acharam-se deitados. Os olhos fecharam-se, o cérebro tentou parar o tempo, e o coração disparou. E em pouco tempo perdeu Faustina a sua donzelia, e, quando terminaram, lembrou-se João do pão com chouriço, e como marido e mulher o repartiram.

Faustina minha mulher que comigo repartiste o pão com chouriço numa noite de inverno e ficaste com a saia molhada, tantas saudades. Isto dirá João quando morrer. É bonita esta história, não é?

Três filhos tiveram: António, Amélia e Gracinda.

Enquanto isto o povo continua a viver oprimido pelos latifundibertos.

É bom, dizia o “papãoberto” no seu jantar de aniversário, que eles nada saibam, nem ler nem escrever nem contar nem pensar, que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é o único possível, tal como está, que só depois de morrer haverá paraíso, que só o trabalho dá dignidade e dinheiro.

Uns porém já se começam a levantar, naquele singular sentido que é acordar em pleno meio dia e descobrir que um minuto antes ainda era noite.

O tempo passa, os miúdos cresceram, e António, o filho mais velho, já começou a trabalhar, trabalhar, trabalhar...



Canção 4 - Oh minha mãe dos trabalhos

Ceifar, gadanhar, debulhar | malhar o centeio, tapar o
palheiro,
Lavrar, enfardar, semear | espalhar o adubo, enxertar as
vinhas
Podar, argolar, montear | abrir as covatas,
Cavar, varejar, ensacar | trabalhar, trabalhar, trabalhar

Oh minha mãe dos trabalhos, oh minha mãe dos
trabalhos

Para que trabalho eu, ioai para quem trabalho eu
Trabalho mato o meu corpo, trabalho mato o meu corpo
Não tenho nada de meu, para quem trabalho eu

Diz-me lá patrão Alberto, Diz-me lá patrão Lamberto
Que triste pensar o teu, Que triste pensar o teu
Se não mudares de sentido, Se não mudares de sentido,
Morres tu e morro eu, Que triste pensar o teu...

Ó minha mãe tenho sede, Dê-me "auga", quero beber.
Tenho sede e tenho fome, Ninguém de mim quer saber.

*O que aí vai, santo deus, de palavras tão bonitas, tão
de enriquecer os léxicos, bemaventurados dos que
trabalham.*

*Todos os dias têm a sua história, um só minuto levaria
anos a contar, o mínimo gesto, o descasque miudinho
duma palavra, dum sílaba, dum som, para já não falar
dos pensamentos, que é coisa de muito estofo, pensar
no que se pensa, ou pensou, ou está pensando, e que
pensamento é esse que pensa o outro pensamento, não
acabaríamos nunca mais.*

Salazar já havia assumido o poder. Entre os
trabalhadores começa a haver burburinhos, reuniões
clandestinas. Mas os patrões não são estúpidos. NÃO!!!

*Sabem lá eles o que são greves, são rapaziada
mas quatro vão presos dum assentada e quando soltos:
Rapazes, tenham cuidado, nunca mais voltem a fazer
terrorismo e não se iludam com doutrinas falsas.
E de repente a vida vira-te do avesso e descobres que o
avesso é o teu lado certo.*

Um jovem idealista, chamado Manuel Espada se destaca, por ser revolucionário.

Canção 5 – Quotidiano

Um homem olha para cima, desesperado outro tropeça
Um cantor estica a cara, uma criança chora na rua
Um homem tem uma pedra em cada mão
Outro grita à carga no meio da confusão
Que mundo é este em que vivemos? Tudo falha podes
sempre chorar
Para te fazeres entender tens de por a música a tocar

Manuel Espada acabará por se apaixonar por Gracinda
Mau Tempo, irmã de António
que será grande contador de Histórias. E quem é que
nunca se apaixonou?
Gostava de namorar contigo.
Ela respondeu, apenas olhando, foi quanto bastou. Mais tarde irão casar!
Vão ter filhos, vão ser felizes para sempre. Para sempre mesmo, porque já vivem numa sociedade justa. Livre. Que se questiona, que se

organiza. Com igualdade de oportunidades. Homens e mulheres com os mesmos salários. Possibilidade de escolha.

A paz, o pão, habitação, saúde, educação. Liberdade. A sério. E vivem da riqueza que produzem. Podia ter sido isto que aconteceu, mas não. Não foi nada disso que aconteceu. Mas podia ter sido. Brecht explica isto bem melhor que eu.

É o mesmo que acontece no romance com o Zé Gato. Um herói que não é bem um herói, mas podia ser ou então é-o em sonhos... nem sei bem. Eu gosto de pensar que é. O Zé Gato passava o tempo a roubar os ricos, nunca roubou os pobres. Roubava animais, hortaliças, as espingardas dos feitores, roubava tudo e claro está dinheiro. E nunca era apanhado... era assim tal como no faroeste: um justiceiro da série Bonanza. Só anos mais tarde é que foi pilhado em Vendas Novas. Estava amantizado com uma mulher que vendia hortaliça. Dizem que foi ela que o denunciou, após uma acesa discussão, mas isso não sei. Dizem que o enviaram para Lisboa e depois foi para as colónias como polícia do

estado... custa-me a crer, dizem também que o mataram em Lisboa. Dizem tantas coisas. Tinha coisas boas este Zé Gato... uma vez encontrou uma mulher a chorar que lhe contou que o Parrilhas (um da sua quadrilha) lhe tinha roubado o aviozito. O Zé Gato não esteve de modas, foi direito ao Parrilhas, parecia uma flecha, deu-lhe a maior sova da sua vida. Coitado do Parrilhas, mas foi bem feito! Dizem que só se meteu naquela vida de ladrão, porque não ganhava para comer no trabalho.

E depois vem aquele capítulo, mesmo no meio, na terceira geração, no tempo da resistência. *Germano Santos Vidigal por inteiro*. Um livro composto páginas e páginas e páginas, reuniões clandestinas, torturas, ameaças, agitações políticas. Por 33 capítulos. No 17.º – praticamente a meio – levam-no dois guardas, levam-no da praça, à saída da porta juntam-se mais dois, parece mesmo de propósito, é tudo a subir, para o posto, como se estivesse a ver um filme sobre Cristo ou outro mártir qualquer. E já na sala vemos através daqueles olhinhos compostos, são dois olhinhos e cada olhinho é feito de mil olhinhos pequeninos naquele carreirinho – até parece que vemos cada punhada com a força de mil murros, e o sangue é um mar latifúndio.

Canção 6 – Zé Gato

Sigismundo Canastro andava à caça, ele nem era nada desajeitado a caçar, não senhor. Nessa altura andava sempre com um canito que havia ensinado para andar nas caçadas. E num dia no meio do mato alevanta-se uma perdiz e ela vai como um raio. O Sigismundo mete a espingarda à cara e BUM ... mas nem com um bago de chumbo acertou no bicho. Mas o Constante, era assim o nome do canito, corre em direção à perdiz e sumiu-se-lhe. Por mais que o dono chamasse, assobiasse, o animal não aparecia.

Passados dois anos calhou ir para aqueles lados e de repente o que é que ele vê? O esqueleto do cão, ali de pé, a marrar o esqueleto da perdiz, e estavam naquilo há dois anos, cada qual na sua firmeza.

Parece que estou a ver, o “Cãostante”, com o focinho esticado, a pata alevantada, não houve vento, nem chuva que lhe soltasse os ossos.

Não houve vento, ou chuva que lhe tirasse a firmeza. Qual coluna vertebral, erguida, firme, fiel.



Devia ter lido mais. Saber mais. Mais Constante. Devia ter contado mais histórias. Repetido a cassette mais vezes. Há uns anos atrás contava histórias para mudar o mundo, Hoje repito a cassette para que o mundo não me mude a mim. Para não me contentar com isto.

Devem achar que sou um marxiano, que acabei de aterrar do Planeta Marx, do vermelho planeta Marx e que venho aqui para os conquistar, para os colonizar. Passaram-se mais de 40 anos sobre a “madrugada que eu esperava. O dia inicial inteiro e limpo”. Gracinda casa-se com Manuel Espada terão uma menina – Maria Adelaide – é ela que assiste ao fim da ditadura. Não! É ela que assiste à festa de Abril.

Memória de Maria Adelaide

É como se tivesse vivido sempre com os olhos fechados e agora, enfim, os tivesse ‘abrido’.

Canção 7 – Sou mulher de trabalho

a partir de “Canção Sem Maneiras” dos GAC

Senhores, sou mulher de trabalho,
e falo com poucas maneiras, porque as maneiras,

são como a luva que calça o ladrão.

Às vezes, eu ponho-me a pensar,
na vida das trabalhadeiras, e nas canseiras,
com que ganhamos a fome e o pão.

Há tanta gente como eu, tantos que pensam como eu,
Sou mulher de trabalho.

enquanto não formos nós a mandar, O fascismo que vai regressar.

Sou mulher de trabalho

A menina cresceu e cedo percebeu que não foi criada para ser princesa, mas tem sonhos. Quem não os tem? Maria Adelaide sonhou com uma senhora empunhando uma bandeira com as maminhas ao léu. Sonhou que fazia parte de uma democracici. Que tinha voz activa numa democracra... onde se discutia tudo até a própria demomomomo... e reparou que a senhora das maminhas ao léu era a própria dededede... e que estava junto de uma outra senhora que segurava um archote na mão e que lhe dizia “vai correr tudo bem”.

Às vezes, cheguei a acreditar,
que a nova democracia, acabaria,

com o fascismo e a exploração.

Senhores, sou mulher de trabalho,
estou farta dessas brincadeiras,
E digo às minhas companheiras
Um mundo novo está para chegar.

E então a ocupação das terras alastra-se como os
malmequeres: *Somos trabalhadores, não viemos roubar.*

Canção 8 – Medley interventivo

Canta o Sérgio Godinho

*Já estou velho e cansado pela vida que eu passei
Tantas vezes eu penei e por vezes maltratado
Tudo o que por mim passou tudo o que por mim passou
Coisas que o tempo levou e não tornam a voltar
Quem eu era já não sou*

Canta o Fausto

*Quando a CEE chegou
havia pilim por todo o lado
e aí está o resultado do mal que nos causou*

*assim que a magana entrou
começou logo a correr mal
desapareceu o capital foi dinheiro, foi o ouro ficaste sem
teu tesouro
Ó meu lindo Portugal Etc e tal.*

Canta o José Mário Branco

*Tudo quando é ruim Já nem sei o que vem a seguir (E7,
Am7)
Até já mandaram vir Para cá o FMI (Dm, G, D)
Agora o Pobre que chore No meio desta trapalhada D,
G, C, C dim)
Neste país moribundo Só há conversa fiada
Conversa fiada*

*Vamos dar emprego a toda a gente
Agora vai ser tudo diferente
Vamos votar para o bem da nação
Vamos levantar-nos do chão*

Canta o Zeca Afonso

*Meus Avós eram de cá Meus tios viveram aqui
Os montes para mim É terra do melhor que há*

*Vá eu para onde vá
Nunca os esquecerei Tantas vezes os visitei
Dos montes sempre gostei*

E por aí fora...

Parecia que a luta tinha acabado ali e que a democracici resolveria tudo. Mas a verdade é que ninguém sabia muito bem para onde ir. O livro termina com o cão *Constante neste dia levantado e principal. E se Maria Adelaide começar a chorar não se admirem.*

Ela teve o primeiro filho em 78...

Ela dizia-me – A crise surgiu por causa dos políticos
Então, para acabar com a crise, dizia eu, os países deviam juntar-se e fazer dinheiro falso.

Ela ria-se. Sabes, é complicado inventar uma máquina de fazer dinheiro.

Então não deveria haver países.

É isso, abolir as pátrias. Quero ser apátrida. Quero ser daqui, dali e de todos os lugares. Estou cansado de continentes, de federações, de uniões, de países. Farto de

fronteiras. Do norte do sul. De linhas imaginárias que nada imaginam senão ganância. Estou farto de tanto arame farpado. De tão altos muros. De tão curtas vistas. Quero que se lixem as fronteiras, os passaportes e os cartões de cidadão.

Quero um mapa *mundi* do tamanho do horizonte, sem interrupções que não sejam as geográficas. Dos rios, serras, mares e oceanos. “Tanta paisagem”. E neste mapa sem muros, desejo ser apenas um ponto no território. Um ponto de fuga. Um ponto em movimento constante em direcção a lugar nenhum. Apaguem definitivamente o meu código postal. Quero ser Apátrida!

I wanna be a rock star.

Depois veio a adolescência... essa parte foi complicada, é melhor nem falar disso, mas lembro-me de pensar que gostaria de ser dono de um banco – acho que seria muito bom a acumular dinheiro alheio.



Canção 9 – I wanna be a rock star

I wanna be a rock star.

Arreganhar os dentes na BRAVO, ou na “Super Som”.

Comprar uma *Fender Stratocaster* e um amplificador bem grande.

Fazer uma banda punk sei lá,

Fazer um LP com a capa do muro de Berlim a cair.

Nevermind! O Grunge morreu e foi aí que comecei a ler... “Opá, lê em voz alta” – disse ela, agora vais para a Universidade.

Uau. Letras. Livros, jornais, música, teatro a potes, cultura... sai da toca moço. Adeus mãe. Naquele tempo o André, o Luís, o Nuno, o Marco.. a Patrícia. Parecia que podíamos mudar o mundo, sei lá!

Foi na faculdade que aprendi algumas palavras “importantes” por exemplo: Acordo, Barba, Boina, Crença, Contubérnio, Pernóstico, *Verfremdungseffekt* esta foi difícil. Foi o senhor Brecht quem me ensinou e outras, que agora não me lembro.

Quem cede nas palavras, cede nas ideias. Disse ela!

Depois veio a primeira entrevista – nem penses em ir de calças de ganga.

Está bem Maria Adelaide.

Porque é que me deviam contratar?

O que procuro com este trabalho?

Quanto penso receber com este trabalho?

Falar um pouco sobre mim?! – Então, gosto muito de correr, não. Eu gosto de ler, ir à praia... tenho um cão.

O meu emprego de sonho? – De horário flexível e com boas – sabiam que na Noruega o horário de trabalho começa no momento em que apanhas o comboio para ires trabalhar.

Se sou uma pessoa versátil? Acho que sim... Acham que me vão perguntar coisas destas? Eu acho que eles tiram a pinta de um gajo e pronto, ou então já está tudo acertado antes. Querem lá saber. Quando muito perguntam-me se não me importo de ser fodido todos os dias e de ganhar uma merda.

Sabedoria popular:

Qual é coisa qual é ela: A mais constante de todas as medidas.

É um eixo para que determina os dias e as noites do
Homem
Estes giram, giram, giram, quando o ganham só
consomem
O que é?
Trabalhar, consumir e o medo de perder o emprego.
Mas que emprego?
Eu apenas tenho medo de perder a voz. Ou de ficar
gago...
Vai correr tudo bem. Respira.

Canção 10 – Respira

Respira... vamos na luz da manhã
Vamos partir, sem ninguém saber.
Não há mais nada a fazer, nada a fazer, nada a fazer
Mas sabemos quem são, e onde estão,
Sabemos onde vivem por mais que se escondam
Temos coisas a dizer, não podem continuar a fugir de
nós.
Tens de encontrar o que deixaste lá no passado e te
enfureceu
Estás de braços caídos, goela apertada, mas vai correr
tudo bem.

Respira vamos na luz da manhã, vamos partir sem
ninguém saber...

Os mortos acompanham-nos nesta caminhada, vamos
todos, os vivos e os mortos e temos nome: Maus Tempo! Ter
nome é ter condição política. Ter nome é *assinar* um fazer e
o fazer é inscrever o nome. Inscrever o nome é ter coragem.
É saber de que lado da trincheira se está. Sem nome temos
o silêncio. Assinar com letra maiúscula é ser herói. Vivemos
de convenções. É como a pontuação. Puras convenções.
Porque é que não posso falar com a Maiúscula que me
pertence?... Eu estou a falar em maiúsculas.
Os homens “não nascem para morrer, mas para
começar”. Cada nascimento é uma possibilidade de
acontecer aquele acontecimento único que rompe o
ciclo “natural” da história. Não há um único morto pela
liberdade em cujo túmulo não cresça uma sementinha
de liberdade, dando sementes também. Heróis, Ainda
há heróis? Para fazer uma revolução? Não de cravos,
nem de espingardas... mas de nomes. A revolução dos
nomes. Não serão os heróis – os verdadeiros – heróis
improváveis?

Eu não vos tenho que dizer que as coisas estão mal. Toda a gente sabe que estão. É uma depressão. Sabemos que o ar está a ficar irrespirável e que aquilo que comemos é só lixo.

Sentamo-nos em frente aos pêcês, ou têvês, ou vê-é-le-cês ou dabliu-cês, ou éle-éssedêss... tanto faz onde, enquanto a caixinha nos diz "é a vida! vemo-nos amanhã"

Mortos palestinianos e israelitas

Um novo grupo de formigas que foi solto num campo de trabalho,

O auto denominado estado islâmico pode estar a preparar um novo ataque,

Descobertas centenas de vítimas em contentores no Afeganistão,

Maus tempo que saltam muros na fronteira da Grécia

Maus-tempo que atravessam o mediterrâneo em frágeis barquinhos

Maus Tempo que esperam em filas nos hospitais

Um grupo de Maus Tempo que perdeu o emprego num despedimento colectivo

Números de refugiados, números que nunca batem certo – dependendo do ponto de vista, é claro - e no fim surge uma notícia como que uma luz divina, que redime:

*Nasceu um bebé panda no zoo de Pequim
É a vida, vemo-nos amanhã*

E um grande sorriso do pivot

Pelo meio ainda tiveste a oportunidade de ver um anúncio para te convencer a seres voluntário de uma mega empresa a troco de um livre trânsito num festival qualquer da moda, que ela própria patrocina – mas atenção tens de saber, pelo menos, três línguas, ter carta de condução e boa aparência, claro. E um tempo de antena para o qual já ninguém tem pachorra. E tudo isto é normal... como se fosse normal. Devia ter lido mais. Ser mais constante. (pausa)

Uivemos disse o cão. Não sei o que dizer desta crise, do preço das coisas, da mão de obra barata, dos combustíveis, dos impostos, da inflação, dos bancos, dos plafonamentos, dos números, défice... só sei que antes de tudo, temos que nos enfurecer. Arreganhar os dentes.



Levantar a cabeça como os cães e dizer: a minha vida tem valor. Porra (*pausa*) bom... peço-vos que se levantem das vossas cadeiras e que gritem comigo: estou raivoso e não vou aguentar mais esta merda! e só depois é que podemos falar sobre a inflação, a depressão, o emprego, a crise... mas primeiro temos que nos levantar das cadeiras e ficar raivosos.

Pausa

Eu gostaria de voltar a ser criança. Recriancar-me...
Não consigo discutir em espaços públicos.
Cantar só com efeitos, desafino para caras.

Nunca escrevi uma música
Tenho horror a que descubram a fraude farfalhada que sou
O meu maior medo? Perder a voz... ficar gago
Quando tusso olho para a mão a ver se não cuspi sangue
Não estou assim tão doente
Mas às vezes gosto de pensar que tenho uma costelinha
de Tchekov...
Brecht, está a ficar lá atrás!

Não tenho história nenhuma a contar, já disse o que tinha a dizer.

Mais vale ter de levantar do chão do que nunca cair.

Canção 11 - Constante

Constante, Invariável firmeza, provém do lobo cinzento
Noventa e nove por cento, e já lhe cheirou a comida
Bom caçador, Vigoroso corredor, avança com máscaras
de gás
Tu nem sabes do que é capaz e já ouviu da terra um
tremor

Que dizia
Não vamos a lado nenhum, somos a ameaça preguiçosa
Não vamos a lado nenhum, Também não vamos pedir
esmola
Não vamos aparecer nos escritórios, nem nas fábricas ou
escolas
Nem tão-pouco às oficinas, muito menos aos estaleiros
Não vamos aos mercados, nem aparecer na TV,
Vamos ficar à espera e cair como um martelo

Fim



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



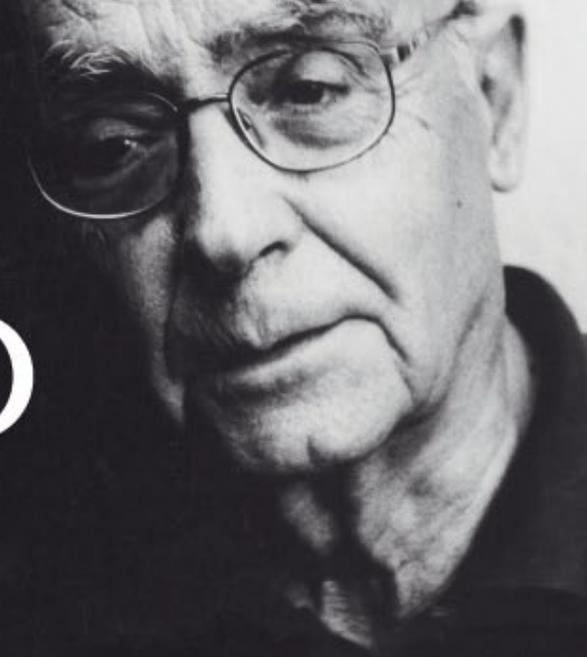
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



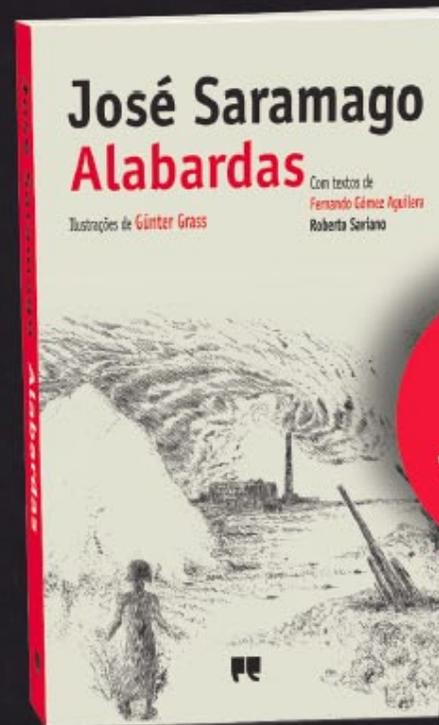
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



MARÇO

Até
28 mar

Cápsulas de Silêncio

Exposição de Alexandre Estrela, cruzando o vídeo e o filme em película numa reflexão sobre a materialidade de imagem, a história do cinema e da fotografia.
Madrid, Museo Reina Sofía.



Até
30 mar

A Norte

Nova oportunidade para ver as fotografias de Alfredo Cunha que estiveram na origem de um livro publicado pela Contexto, em 1998, onde o Norte de Portugal é o tema comum.
Porto, Centro Municipal de Vila das Aves.



Até
31 mar

Seguir con Vida

Exposição de fotografias de Anna Surinyach, foto-jornalista que trabalha com os Médicos Sem Fronteiras, sobre o conflito da Síria e as suas consequências na vida de milhares de pessoas.
Madrid, Círculo de Bellas Artes.



Até
3 abr

Dorotéia

Com direcção de Jorge Farjalla, sobe ao palco Dorotéia, de Nelson Rodrigues, uma farsa sobre a moral e os julgamentos que dela fazemos.
Rio de Janeiro, Espaço Tom Jobim.



Até
3 abr

Colección Masaveu

Exposição de quadros dos grandes mestres da pintura espanhola, de El Greco a Goya, passando por Zurbarán e Sorolla.



M
A
R
Ç
O

Até
13 abr

El Escritor
Oculto

Ciclo de projecções de documentários dedicados a escritores e à sua obra, coordenado por Luis Ospina. Buenos Aires, Museo de Arte Latinoamericana.

→●

Até
17 abr

Ilustrarte 2016

Sétima edição da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância, reunindo trabalhos de ilustradores de 72 países, com destaque para os vencedores do prémio internacional associado a esta bienal. Lisboa, Museu da Electricidade.

→●

Até
8 mai

Black Box

Exposição do fotógrafo japonês Hiroshi Sugimoto dedicada à revisitação das suas séries mais conhecidas, muitas delas marcadas pela arquitetura e os espaços públicos. Barcelona, Fundació Mapfre.

→●

26
mar

Queima do Judas 2016

Espectáculo anual levado à rua pelo Trigo Limpo teatro ACERT com a colaboração de centenas de participantes locais, numa encenação que cruza a tradição com uma constante leitura do presente.

Tondela, ACERT.

→●

4 e 5
abr

Feo

Adaptação teatral do conto "O Patinho Feio", de Hans Cristhian Andersen, levada à cena pela companhia de teatro infantil Caramuxo. Santiago de Compostela, Teatro Principal.

→●

***Blimunda, Número
especial anual /
2014, em papel.
disponível
nas livrarias
portuguesas.
Encomendas
através do site loja.
josesaramago.org***

